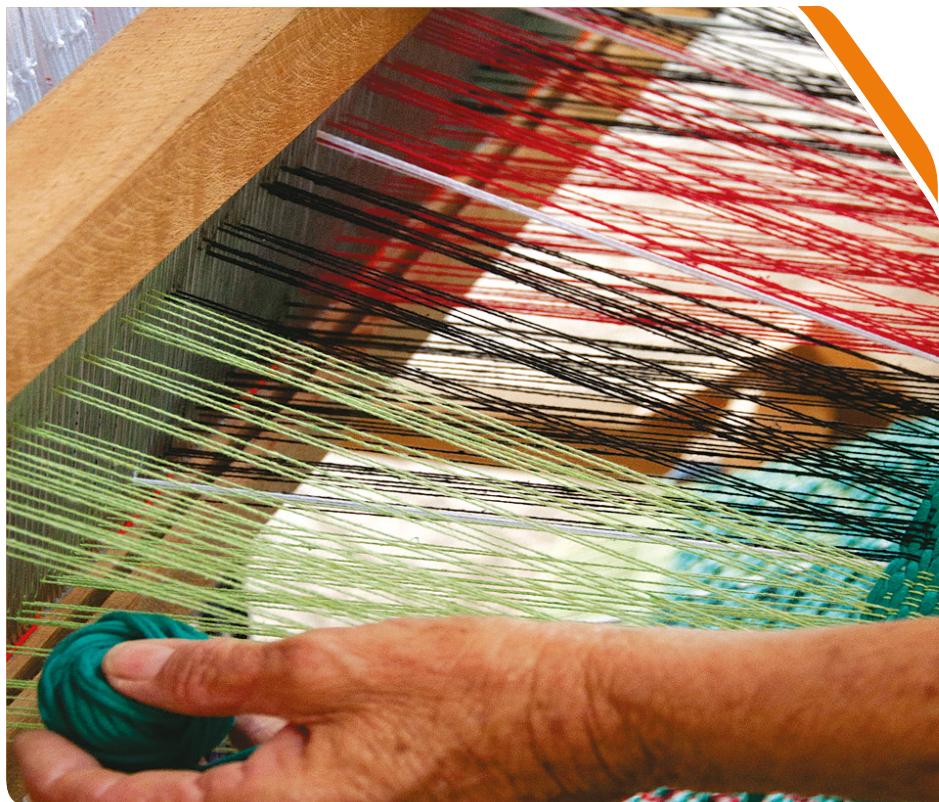


Boletim Cultural & Memorialístico de São Tiago e Região

Desde 2007 | Ano XVIII | Nº CCIII | Agosto/2024

Acesse a versão digital em www.sicoob.com.br/web/sicoobcreddivertentes



TECENDO E FAZENDO HISTÓRIA

Quem anda por Resende Costa, no Campo da Vertentes, respira arte. Ou, mais especificamente, artesanato. E é impossível, nesse trajeto, não sentir o aroma inconfundível de algodão - algodão que se transforma em fios

no tear; e em peças belíssimas sob as mãos de quem tem o dom de encantar com cor. O ofício, aliás, é mais que tradicional: é histórico e remonta ao Século XVIII.

Pág. 4

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



"De abóbora faz melão"...

Quem leu cantando está afinado com a tradição das Cantigas de Roda e das brincadeiras que vêm com elas - além de boas lembranças que a oralidade mantém vivas.

Pág. 6

César Lattes

"Brasileiro que chegou perto de ganhar um Nobel de Física, o curitibano Cesare Mansueto Giulio Lattes (1924-2005), que dá nome à plataforma de currículos acadêmicos do Brasil, faria 100 anos em 2024. Como legado, ele deixou — além de uma das descobertas mais importantes da história da ciência — pelo menos 851 pesquisadores 'herdeiros' acadêmicos em seis gerações de cientistas".

Pág. 10

Padre e escritor

"Quando partimos, no vigor dos anos/ da vida pela estrada fluorescente/as esperanças vão conosco à frente/e vão ficando atrás os desenganos". Os versos são de Antônio Thomaz, padre cearense que deixou lições em seus sonetos - o mais célebre, *Contraste*, é ensinado e declamado ainda hoje em escolas.

Pág. 16

PREÂMBULO

TEMPOS 'DISRUPTIVOS'

Talvez, "disrupção" seja a palavra mais aplicável aos nossos tempos. Passamos por intensas mudanças econômicas, políticas, sociais, psicológicas, culturais, climáticas, indicando o fim de uma era, ou melhor, o início de novo ciclo planetário. Temos que enxergar, reconhecer isso, por bem ou por mal.

As pessoas estão insatisfeitas com o trabalho, com os governos, com o estilo de vida insustentável, a predação do meio ambiente, guerras, violência, desigualdade social, corrupção generalizada e brutal. Os modelos político-econômicos que ora nos guiam, dentre eles e principalmente o capitalismo, não mais são sustentáveis à humanidade e ao orbe terrestre. A economia baseada na extração incontrolável, no esbanjamento de recursos naturais, na esperteza, na fraude, ganância, no crescimento desordenado, em PIB, faturamentos está em crise. É inadequado para um planeta com recursos finitos e com uma sociedade escandalosamente desigual.

Vivemos evidentes momentos e cenários em célebre mutação, da irrupção de nova era em moldes similares à passagem da economia feudal para a de mercado no final da Idade Média, esclarece-nos Lala Deheinzelin, educadora de renome mundial e especialista em economia criativa. Os novos tempos prenunciam/indicam-nos um futuro marcado por modelos econômicos criativos de conhecimento, em que valores intangíveis – e não mais ou tão somente petróleo, ferro e matérias primas – como reputação, ética, imagem, cultura, ideias e processos de sustentabilidade se sobreporão às medidas fiduciárias, mercantilizadas. A moeda será outra!

Atingimos, pois, a era do intangível em que os negócios ou ecossistemas compartilharão conhecimento, criatividade e recursos entre si. As empresas e pessoas trabalharão em um ambiente de colaboração em rede e em que o lucro obtido tenha um alvo ou missão comum – o sustento da comunidade, o reinvestimento em prol da cidade e coletividade.

Os negócios serão objetivamente de impacto social e de sustentabilidade, canalizando-se e agregando-se, para tal, conhecimento, recursos e pessoas. Assim, o patrimônio de uma empresa será quantificado em 4 aspectos: econômico, cultural, social e ambiental. Não é de se estranhar que, cada vez mais, cresce a preocupação com o meio ambiente, o uso racional de recursos naturais (que são finitos), com a cultura, as artes, a tecnologia, a ética. Daí a promoção e criação, indistintamente, de condições de vida mais dignas, seja em escala local ou global, para os habitantes do mundo.

Uma era de transição, de transposição do atual conceito político, econômico e social, organizado em torno de recursos naturais – petróleo, ouro, água – em si de uso finito e que escasseiam, para uma economia criativa que se utiliza de recursos intangíveis, como cultura, memória, conhecimento, experiência, que não apenas não se esgotam, mas se renovam e se multiplicam com facilidade.

(Sugestão de leitura: "Mude você e o mundo" Gabriel Cardoso)

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Adivinhas/Charadas

- Qual o peso de um peixe, se ele pesa 10kg mais que a metade do seu peso?
- Um casal tem vários filhos. Cada filha tem o mesmo número de irmãos e irmãs, e cada filho tem duas vezes mais irmãos que irmãs. Quantos filhos e filhas existem na família?
- Certa noite Pedrinho resolveu ir ao cinema, mas descobriu que não tinha meias limpas para calçar. Foi então ao quarto do pai que estava na escravidão. Ele sabia que lá existiam 10 pares de meias brancas e 10 pares de meias pretas, todos misturados. Quantas meias ele teve que retirar da gaveta para estar certo de que possuía um par igual?

Respostas: 1) 20 kg; 2) São 4 filhas e 3 filhos; 3) 3.

Provérbios e Adágios

- Faça um bom alicerce para sua casa para não viveres depois com medo. (Próverbio Persa)
- Se você para, para atirar pedra em cada cachorro que o cercar na estrada, você nunca chegará no destino. (Próverbo Inglês)
- Eleição só depois da apuração. (Próverbo Mineiro)
- A barba não faz o filósofo.
- O peixe fede primeiro a cabeça.

Para refletir

• Nós nos convencemos que a vida ficará melhor algum dia, quando nos casamos, quando tivermos um filho e, depois, outro...

Então, ficamos frustrados porque nossos filhos não têm idade suficiente e seria muito melhor se tivessem. Depois, nos frustramos porque temos filhos adolescentes e temos de lidar com eles. Certamente seremos mais felizes quando nossos filhos tiverem ultrapassado essa fase.

Dizemos que nossa vida só será completa quando nosso cônjuge conseguir o que busca, quando tivermos comprado um carro melhor, ou tivermos condições de fazer uma viagem longa, quando tivermos aposentados.

A verdade é que não há melhor época para ser feliz do que agora mesmo. Se não, quando? Sua vida será sempre cheia de desafios. É melhor admitir isto para você mesmo e decidir ser feliz de qualquer modo.

Uma das minhas "frases" favoritas é de Alfred D. Souza, quando diz: "Por muito tempo eu pensei que a minha vida fosse se tornar vida de verdade, mas sempre havia um obstáculo no caminho, algo a ser ultrapassado antes de começar a viver - um trabalho não terminado, uma conta a ser paga. Aí sim, a vida de verdade começaria. Por fim, cheguei à conclusão de que esses obstáculos eram a minha vida de verdade."

Essa perspectiva tem me ajudado a ver que não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho. Assim, aproveite todos os momentos que você tem. E aproveite-os mais se você tem alguém especial para compartilhar, especial o suficiente para passar seu tempo.... e lembre-se que o tempo não espera ninguém. Portanto, pare de esperar até que você termine a faculdade; até que você volte para a faculdade; até que você perca 5 quilos; até que você ganhe 5 quilos; até que você tenha tido filhos; até que seus filhos tenham saído de casa; até que você se case; até que você se divorcie; até sexta à noite; até segunda de manhã; até que você tenha comprado um carro ou uma casa novos; até que seu carro ou sua casa tenham sido pagos; até o próximo verão, primavera, outono, inverno; até que você esteja aposentado; até que a sua música toque; até que você tenha terminado seu drink; até que vc esteja sóbrio de novo; até que você morra, até que você nasça de novo e decida que não há hora melhor para ser feliz do que AGORA MESMO..... Felicidade é uma viagem, não um destino.

Por isso... "Trabalhe como se você não precisasse de dinheiro; Ame como se você nunca tivesse se machucado; E dance como se ninguém estivesse olhando".



creddivertentes@sicoobcreddivertentes.com.br

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle

Coordenação: Ana Clara de Paula

Redação: João Pinto de Oliveira

Colaboração: IHG – São Tiago

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

Memória em todos os sentidos

Na lista de coisas que “vêm de berço”, a energia para “fazer a diferença” é algo especial para a educadora aposentada Maria de Lourdes Rezende. Ou melhor: para Dona Cairu – como é conhecida na terra natal, São Tiago. “Só minha família me chama de ‘Lourdes’. Se procurar por mim na rua citando o que está nos documentos... não vai me encontrar, não”, ri aos 76 anos.

O apelido nasceu ainda “no Ginásio”, como ela mesma explica, quando uma professora sugeriu dar a todos os alunos uma “alcunha histórica”. Havia o Tiradentes, o Padre José de Anchieta e, por fim, o Visconde de Cairu – personagem dos Séculos XVIII e XIX que, entre outros talentos, foi também historiador. “Talvez já fosse bem nítido que eu fosse me apaixonar pela Memória”, comenta.

E está aí, aliás, uma possível herança de família. “Minha mãe vivia dizendo que eu era igualzinha ao meu bisavô, Capitão João Pereira”, conta Dona Cairu sobre o homem que, também em São Tiago, foi boticário, boiadeiro, fazendeiro, parteiro, mobilizador social, político influente. “Vivia criando e apoiando projetos na cidade. Dizem que era incansável e imparável”, explica.

Foi assim, aliás, que encontramos Dona Cairu em casa. Ainda em luto pela morte da irmã mais velha, Dona Zeli, ela revirava e organizava caixas com documentos, fotos e bilhetes. Um deles, aliás, mencionava este *Boletim*.

Sabores & Saberes – Bom... Ao que parece esse pedacinho de papel tem história, não é?

DONA CAIRU – Sim! Preciso contar isso... (suspira) A Zeli era leitora apaixonada do *Boletim*. Já não via TV, não assistia jornais, mas não abria mão dele. Muitas e muitas vezes a flagrei sentadinha ali na varanda, lendo e relendo o *Sabores & Saberes*. Pra minha surpresa, ao organizar suas coisas depois de partir, achei um recadinho, num pedaço de papel: “Esse jornal é muito bom, de muito valor. Todos deveriam lê-lo”.

Sabores & Saberes – Coincidência ou não, a senhora é colaboradora recorrente na publicação, com muitos artigos publicados...

DONA CAIRU – Ih! Perdi as contas de quantos textos mandei para o *Boletim*. Faço isso desde as primeiras edições e tenho um orgulho enorme porque faço por amor. Amor à História e amor ao *Sabores & Saberes* que, pra mim, é um baú com tesouros valiosíssimos não só de São Tiago, mas de toda a região. Quantos acontecimentos e quantas pessoas teriam sido esquecidas não fosse esse trabalho da Cooperativa e do João Pinto (de Oliveira. Membro-fundador do Sicoob Cred-vertentes e idealizador deste Memorialístico).

É uma ideia contagiente que me tocou logo na primeira leitura da primeira edição. Não foi diferente com a Zeli. Ela tinha um apreço enorme pela publicação, por seu significado, por deixar registrado o que não pode se perder.

Sabores & Saberes – Aliás, esse também é um propósito pessoal da senhora, não é mesmo?

DONA CAIRU – Posso dizer que tive grandes inspirações. O João e eu estudamos juntos na infância. Tivemos, aliás, professores memoráveis como o Monsenhor Francisco Elói de Oli-



veira e Antônio Gaio Sobrinho. Era impossível sair ilesos daquelas salas de aula (risos). Eu mesma fui professora, diretora escolar; depois, assim como João Pinto, participei da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, do Memorial Santiaguense... Queríamos construir uma herança forte para as novas gerações; lembrá-las de onde vieram, para onde podem ir, que inspirações podem buscar na família, em gente antiga da cidade. Falando assim parece muito. Mas há sempre mais a se fazer – e gostaria de ir além na colaboração. Pena que um dia tenha só 24 horas...

Sabores & Saberes – É curioso ouvir tudo isso sabendo do tamanho da sua contribuição à Comunidade... E é perceptível uma modéstia honesta aí.

DONA CAIRU – Na verdade há um pouco de receio nisso tudo... Receio do futuro, até. Em tempos passados, lidei com o extinto *Informativo Santiaguense*. E nele havia uma coluna chamada “Nossa terra, nossa gente”. Hoje em dia vejo muito disso no *Boletim Sabores & Saberes* e me sinto aliviada porque... A oralidade é bonita demais, sabe? Reconheço isso. Ao mesmo tempo, porém, ela é frágil porque transforma relatos, altera informações e é enterrada com quem vai passando pela vida. O que está impresso, não. É registro, é material que pode até ser reescrito lá na frente, mas não deixa de ser base para despertar uma curiosidade, trazer à tona uma lembrança, puxar o fio de perguntas a serem respondidas, homenagear gente que faz História e merece reconhecimento.

TECELÃS FIANDEIRAS TINTUREIRAS

"As mãos hábeis tecendo saberes quase esquecidos"
(Cida Chaves)

A atividade artesanal, com a utilização de fios, foi muito ativa no Brasil Colonial-Imperial e já no século XVIII a produção doméstica de tecidos era de considerável monta. Um ofício tão antigo quanto a própria humanidade. Fiandeiras, tecelãs transformavam o algodão em fios, utilizando-se de roda e do tear manual, engenhocas trazidas para o Brasil pelos colonizadores portugueses. Pedaladas de roca ecoavam pelos amplos salões das fazendas, onde mulheres da casa teciam fios de algodão, de seda, linho, urdindo as mais esmeradas rendas. À ação incessante, intermitente dos pedais, movendo os navetes entre os fios do algodão e a lã cardada. Com a mecanização e a evolução da indústria têxtil, tal modalidade de ofício quase que desapareceu, subsistindo em algumas regiões, onde se manteve viva a tradição da fiação manual. Um saber tipicamente feminino, transmitido de geração a geração pelas avós, mães, tias, comadres – valorosas guardiãs do passado e de nossas mais caras tradições culturais.

Em 1779, o Marquês de Lavradio informava que a população das Minas Gerais era autossuficiente em relação ao mercado externo, cujas fábricas e teares vestiam a si, à sua família e escravatura, confeccionando panos, estopas, peças de linho, algodão e lã. Em 1785, através de alvará, a Coroa proibia a manufatura de tecidos na Colônia. A indústria têxtil doméstica adentraria o século XIX, adquirindo enorme expansão, ocupando mão de obra artesanal, mormente nas pequenas propriedades. Um alvará real de 1809 liberava as atividades dos teares, reestimulando a produção de tecidos de algodão, incluindo-se tentativas frustradas de mecanização a exemplo da Fábrica de fiados e tecidos em Vila Rica (1814), de uma fábrica da Companhia Industrial Mineira no distrito de Neves (1838) e da Casa do Reino em Conceição do Serro (1850). Somente com a criação da fábrica Cedro & Cachoeira da família Mascarenhas (1868) é que a produção têxtil adquiria status industrial. Segundo Alisson Mascarenhas Vaz ("A Industria Têxtil em Minas Gerais" Revista História v. 56, n. 3, Junho 1977, pp. 101/108) vários foram os fatores que inibiram o desenvolvimento do setor têxtil em Minas Gerais: sistema de transporte precário e inadequado; o asfixiante e corrosivo sistema fisco-tributário; ausência de estruturas de comercialização, desarticulando as atividades econômicas mineiras; matéria prima (algodão) de má qualidade, à exceção de Minas Novas e deficiente estrutura de beneficiamento; pessoal técnico com baixa qualificação; legislação de trabalho incipiente ou mesmo ausente. A produção de algodão, embora volumosa no circuito de Minas Novas, levada a outras regiões do País pelos tropeiros, não gerava, contudo, maiores lucros para aquela região produtora.

A técnica produtiva é trabalhosa. Após a colheita do algodão (que tem que ser o nativo, pois o algodão industrializado não é apropriado para a produção artesanal) retira-se primeiramente as sementes e todo e qualquer traço de impureza, o que é realizado a mão ou com a utilização de um descaroçador, uma moenda feita com dois cilindros de madeira. A seguir, carda-se o algodão, ou seja, transformar os chumaços em uma leve pluma. A carda é uma espécie de pás de madeira com pentes de aço. Os capuchos do algodão são penteados de forma que as fibras fiquem desembaraçadas, prontas para a fiação. O trabalho de fiar exige, enfim, muita coordenação: o descaroçar a fibra, bater, urdir, entrelaçar fios com tramas transversais ou longitudinais (o chamado urdume), o girar a roda com os pés, enquanto as mãos cuidam de alimentar a máquina (tear) até a consecução dos fios!

Fiar, tecer, tingir, bordar, costurar eram/são atividades que as



mulheres interioranas aprendiam desde crianças e com que sustentavam, muitas vezes, a família. As roupas da casa e mesmo as de uso pessoal eram confeccionadas pelas mulheres, a partir das linhas e fios por elas mesmas fiadas e as sobras eventuais da produção vendidas para vizinhos ou comerciantes, estes geralmente mascates que passavam periodicamente pela região. Roupas de uso caseiro, pessoal, social, enxovals das filhas eram tecidos em domicílio, muitas ajaezadas com bordados em rendas de fuso – colchas, fronhas, toalhas, além de mantas, coxinilhos, bolsas, cobertores, redes, pelegos... Segundo a historiadora Clotilde Andrade Paiva, havia um expressivo comércio inter-regional de víveres e tecidos. "O Sudeste possuía vigorosa atividade comercial, exportava para o Rio de Janeiro vários tipos de produtos, sendo os mais importantes os agropecuários". "A aquisição de viveres provenientes da região intermediária de Pitangui-Tamanduá e de Minas Novas por parte unicamente da vila de São João Del-Rei sugere que parte desse produto era enviado para o Rio de Janeiro" ("População e Economia nas Minas Gerais do século XIX" FFCL/USP 1996, p. 114).

"O êxodo rural, a produção em massa de artigos de cama e mesa, a chegada de grandes empreendimentos agropecuários e industriais foram fatores que desestimularam a atividade artesanal. Famílias inteiras deslocaram-se de suas localidades de origem. Os antigos processos artesanais estão, contudo, renascendo, se revalorizando com a ajuda de ONG's e órgãos públicos, mediante a promoção de cursos ou oficinas de capacitação, organização dos artesãos em associações e cooperativas, que promovem formas de ordenação profissional e desenvolvimento de habilidades técnicas e comerciais. O desinteresse dos jovens (novas gerações) pelo artesanato tradicional se deve à pouca valorização da atividade e a baixa remuneração salarial ou pela venda dos produtos, feita geralmente por intermediários e atravessadores que fica(va)m com praticamente todo o lucro. O trabalho em grupo permitia às mulheres, muitas delas reprimidas social e familiarmente, um espaço de encontros, partilhas de saberes, de



afetos femininos e ainda de vendas de produção em comum.

A Cultura do Algodão – A cultura do algodão, ao lado da produção de tecidos no interior dos domicílios, ocupava considerável mão de obra feminina – livre e escrava – gerando comércio regular e a exportação dos chamados “panos de Minas”. A produção têxtil e de fiação caseira era encontrada em várias regiões. O viajante Saint-Hilaire faz referência, em sua passagem pela Vila do Príncipe (Serro) às atividades com algodão, incluindo se beneficiamento e vendas de peças por parte de mulheres locais, ainda que precário o seu cultivo (“Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais” Edusp, 1974, p. 235). A região de São Domingos e Minas Novas produzia cobertores, tecidos grossos, redes, toalhas, guardanapos finos, cobertas em grande parte exportadas para a Bahia, Rio de Janeiro e outras partes da Província de Minas Gerais. Ainda segundo Saint-Hilaire, o distrito de Conceição do Mato Dentro produzia tecidos de algodão, colchas, lençóis, toalhas e chapéus de algodão. Minas Novas, segundo Douglas Cole Libby (“Transformação e trabalho em uma economia escravista – Minas Gerais no século XIX” Brasiliense, 1988, p. 194) era o grande centro produtor de têxteis, dali trazidos até São João Del-Rei, remanejados em grande volume em direção ao Rio de Janeiro. Já a vila de Tamanduá sobressaia-se de acordo com as Listas Nominativas (1831) pela alta relação fandeiras/tecelãs (107,63). Ao passar pela região/comarca de São João Del-Rei, Saint Hilaire refere-se a grandes plantações de algodão, sendo a qualidade do produto inferior ao de Minas Novas. “De outro lado, em Camapuã, Queluz e Carandaí, a arroba de algodão em caroço rende tanto ou quase tanto quanto em Peçanha e Minas Novas e, principalmente, eles duram muito menos que em Peçanha” (“Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo – 1822” Itatiaia, 1974, p. 101). Segundo os viajantes Spix e Martius, “a escassez de chuva na região de Minas Novas permitia uma bela cor alva do algodão, diferenciando-o da coloração do Maranhão e Pará.” “Costuma-se plantar aqui sobretudo o algodão de Barbados “gossypium barbadense” (“Viagem pelo Brasil” Itatiaia, 1982, p. 59).

Os trabalhos de colheita e trato do algodão eram realizados principalmente por mulheres e crianças, sendo os distritos de Sabará, Campanha, Mariana, Pitangui, Jacuí outros grandes produtores. O algodão, produzido de forma extensiva, com o passar do tempo, perdeu a qualidade, não tendo os agricultores maior preocupação com a melhoria do produto e métodos de plantio e ainda sem estímulos de qualquer monta aos trabalhadores, em sua maioria escravos. O algodão era a principal matéria prima utilizada na fabricação de panos ou tecidos, ocorrendo outras como lã, linho, cânhamo, rami, paina, seda e outros com os quais se produziam chapéus, sacos, cobertores, colchas, camisas, jalecos, calções, meias, tecidos de lã e lençol, panos de lã estampados, mantas etc. ⁽¹⁾.

Mão de obra feminina senhorial e cativa – A mão de obra feminina – em especial a cativa – era versátil, trabalhando na lavoura ou em atividades econômicas diversificadas e complementares, dentre elas a fiação e tecelagem, prática(s) difundida(s) em muitos domicílios do País. “As cativas eram utilizadas de forma complementar seja na lavoura, seja nas atividades de ganho, dentro de um ambiente onde a falta de recursos não permitiria a alocação de escravos em uma única esfera de trabalho” (Carlos A. P. Bacellar – “Viver e sobreviver em uma vila colonial – Sorocaba – séculos XVIII e XIX” São Paulo, Annablume/Fapesp, 2001, p. 147). As cativas trabalhavam, desta forma, complementarmente em ofícios doméstico-manaus como a fiação, costura, bordados, tinturagem etc. Muitos familiares de senhores, mormente esposa e filhas, conseguiam, desse modo – de certo com o concurso de escravas – amealhar consideráveis ativos, como vemos no caso infra.

Ao falecer em 1797, D. Maria de Souza da Conceição, proprietária da Fazenda da Intendência, no distrito de São João Batista (Morro do Ferro) fez questão de distinguir em seu testamento – para fins de inventário – os escravos que lhe pertenciam daqueles que foram adquiridos por suas filhas. Dos vinte escravos do plantel da fazenda, dez pertenciam à proprietária; enquanto quatro escravas de nomes Domingas, Teresa, Rosa e Catarina e mais suas “crias” em número de oito pertenciam às filhas de D. Maria de Souza da Conceição “que as compraram e pagaram com diferentes gêneros de algodão fabricados por suas mãos”. Várias revelações e lições tiramos do citado documento: a atividade da tecelagem (produção têxtil doméstica) em vários domicílios, capaz de gerar rendimentos, até mesmo para investimentos consideráveis como aquisição de escravos: embora provessem de família “remediada”, as filhas da proprietária trabalhavam com afinco. Demonstra, ademais, que o investimento fora assertivo, pois agragara/acrecrecia mais mão de obra, através da reprodução interna do plantel da fazenda. (Inventário – Maria de Souza da Conceição – AHET II – IPHAN/SJDR cx. 538 – 1797).

Atividade têxtil domiciliar em nossa região – Vários testamentos e inventários do Brasil colonial e imperial fazem referência à presença/listagem de teares entre os bens de família. Em nossa região, a aplicação da Lage (Resende Costa) era pródiga nas atividades têxteis, como se pode deduzir pela documentação existente, tradição que se conserva vigorosa até os dias atuais⁽²⁾. No inventário do Cap. Antonio Pinto de Góes e Lara (Iphan/SJDR cx. 129 – 1871) dentre inúmeros bens, foi arrolado um tear. “Em alguns inventários encontrados para a Lage, encontramos a posse de teares. Essa posse no inventário nos sugere a produção doméstica têxtil como uma atividade produtiva no distrito. Desde 1831, observam-se menções a tecedeiras na região...” (Amanda Cardoso Reis – “O mercado de terras e escravos no distrito da Lage: trajetórias de enriquecimento 1850-1888” UFSJ, 2020, p. 161). Na nota n. 427 (rodapé) informa/complementa a autora: “Como exemplo o inventário do Cap. José Justino disponível no arquivo histórico do escritório técnico II, IPHAN São João Del-Rei – Inventário de José Justino da Silva – capítulo – 1861 – cx. 403).

NOTAS

1) O material utilizado – fios – era obtido através da fiação manual-caseira, aproveitando-se diversos tipos de fibras brutas devidamente processadas. No caso do algodão, a primeira operação preparatória era eliminar matérias estranhas e descaroçá-lo. A seguir, o desembaraçamento das fibras – previamente expostas ao sol para secarem – feito por um aparelho constituído por dois cilindros giratórios ou moendas, dotados de manivelas, pelos quais passava o chumaço de algodão (já sem as sementes ou quaisquer impurezas). Os chumaços eram batidos com um galho de árvore em forma de arco, com o objetivo de limpar/destrinchar as fibras. Após isso, era a cardação ou penteamento, desfazendo-se os nós, limpando-se ainda mais as fibras, formando-se uma fita homogênea de forma a possibilitar a próxima etapa: a fiação, realizada numa roda (bolandeira) com dispositivo de rotação e ainda com emprego de mecanismo de fiação/enrolamento com o uso de pedal e biela.

O fio era enrolado pela fandeira no carretel e passado no dente mais distante da asa, na argola e no orifício da broca, enrolando-se algumas fibras da pasta na extremidade do fio. Com o fio na mão direita, a tecelã colocava em movimento a roda – dessa forma o fuso girava e torcia o fio (que estava entre o carretel e a mão direita da fandeira – em torno de si. Cibia à mão esquerda da fandeira esticar a pasta até onde seu braço alcançasse. Muitos dos fios eram tingidos com pigmentos naturais, dentre eles o anil, combinados em muitas peças com fios naturais. Havia, à época, três tipos de teares: o em X, o de mesa (o mais utilizado) e o de esteio, cada qual com suas possibilidades de urdume (base sobre a qual o tecido era confeccionado).

2) Assunto tratado pela pesquisadora Ana Paula Mendonça de Resende em sua obra acadêmica “Entre fios e panos: mulheres nas Minas Gerais – a produção doméstica têxtil no distrito da Lage na primeira metade do século XIX” UFSJ, 2015.

CANTIGAS E DANÇAS DE RODA

Ricas as nossas tradições, nosso folclore, nossa musicalidade de raiz, nossas manifestações artísticas, culturais, lúdicas. Assim, as brincadeiras e cantigas de roda, as cirandas de nossa infância, inesquecíveis repertórios de lazer, humor, alegria, arte, coreografia – compartilhadas de geração a geração, por todas as localidades de nosso extenso País e que compõem o vigoroso, exuberante cancionero popular nacional.

Canções e danças tradicionais que expressam a identidade cultural da nação, de um Brasil miscigenado, plural, cuja oralidade, musicalidade, ludicidade se manifestam em melodias, narrativas, magias, cantos, en-

cantos... As brincadeiras de roda, assim como jogos e atividades lúdicas em geral, são excelentes instrumentos educativos e formativos, pois permitem às crianças – e mesmo adultos – reforçarem a socialização, desinibição, comunicação corporal, a integração coletiva. Nas, movimentam-se músculos e todo o corpo em seus aspectos motor, rítmico, sensorial (respira, caminha, salta, corre, interage etc), desenvolve-se a imaginação, a improvisação, flexibilidade, criatividade, conectividade, expressividade; representam-se vários papéis, ora personagem principal, ora coadjuvante ou secundário.

ALGUMAS DESSAS CANTIGAS EXTRAIIDAS DE NOSSA ORALIDADE:



BATE O MONJOLO

Bate o monjolo no pilão
Pega a mandioca para fazer farinha
Onde foi parar meu tostão?
Ele foi para a vizinha

Cada participante deve ter em mãos uma bolinha de tênis ou de borracha. Ao começar a música, bate-se com a bolinha no chão, seguindo o compasso da cantiga, como no exemplo em letra maiúscula;

BAte o monjolo NO chão
PEga a mandioca para faZER farinha
ONde foi parar MEU tostão?
Ele foi para A vizinha

Na segunda etapa ou momento da brincadeira, todos os participantes batem a bolinha no chão, passando-a para o colega que se encontra à sua direita (todos, ao mesmo tempo, em sincronia).

Em roda (círculos), os participantes com braços abertos colocam a mão direita, em forma de pinça, sobre a mão esquerda, esta em forma de conchinha. Inicia-se a canção, batendo ritmadamente a mão direita sobre a mão esquerda. A seguir, todos, ao mesmo tempo, sempre de acordo com o ritmo/pulsação da cantiga, batem a sua mão direita sobre a mão esquerda do colega da direita, sempre em movimento contínuo, comitante, lembrando a batida de um monjolo.

Esta brincadeira consiste ainda em passar uma moeda (tostão) de mão em mão. Com a mão direita, pega-se a moeda, colocando-a na mão esquerda do colega (jogador/participante) que está à sua direita, e assim segue, até que um jogador previamente escolhido ou indicado entra na roda para tentar descobrir com quem está a moeda, que continua passando de mão em mão. Sugere-se que no momento da canção em que diz "onde foi parar o meu tostão?", todos devem fechar as mãos para esconder o tostão a ser descoberto pelo colega "detetive" (este poderá ter os olhos vendados, a critério dos participantes). Quando o jogador achar ou deduzir com quem está a moeda, ele aponta para a pessoa indicada. Nesse momento, a roda e a música param e se a pessoa estiver com a moeda, eles trocam de lugar. Deve-se combinar/definir previamente quantas vezes o jogador pode adivinhar com quem está a moeda.

A brincadeira "Bate o monjolo", segundo pedagogos, auxilia na estruturação/conceituação de tempo e espaço e ainda na exploração/enriquecimento do conhecimento histórico-social (noções para as crianças sobre o monjolo, o pilão, o tostão, mandioca, farinha). Estimula, ademais, a percepção, ordenação mental, raciocínio, a lógica do pensamento bem como a dedução espacial (acompanhamento do percurso da moeda).

CUA FUBÁ NO BALANÇO DA PENEIRA

Cua fubá, cua fubá
Essa moça morena
Não sabe cuá

Cua fubá, cua fubá
Dá a peneira prá outra
Que sabe cuá

| É no balanço da peneira
| vou peneirar (bis)

| Peneira, peneira
| caiá fubá (bis)

| (Caiá – termo popular do
| verbo cair – pintar com
| cal, branquear)

Formam-se duas rodas, uma dentro da outra (uma interna, outra externa). Os integrantes da roda interna seguram uma peneira na mão, fazendo gestos de peneirar, enquanto dançam e simulam/improvistem movimentos. Todos cantam a primeira canção.

Na parte (verso) da cantiga que diz "Dá a peneira prá outra" passa-se a peneira para um companheiro da roda externa, trocando estes de lugar.

Na segunda canção "No balanço da peneira", duas crianças seguram a mesma peneira, uma de frente para a outra, fazendo um balanço "prá lá e prá cá". No trecho em que a canção diz "caíá fubá", o gesto é feito como quem joga o fubá para o alto.

MEU BANDOLIM, Ô MEU BANDOLÁ

Meu bandolim ô meu bandolá
Ô, não acaba de me matar
que as meninas de Petrolina,
de Jacobina sabem dançar

Eu amanhã, bem de madrugada,
vou dar parte pro delegado
que foi o maldito trem de ferro
que carregou o meu namorado



O grupo (participantes) é dividido em duas "filas indianas", uma de frente para a outra. Ao iniciar a canção, os primeiros da fila se aproximam e se cumprimentam com a mão direita; seguindo adiante, cumprimentam os que vem logo em seguida, alternando a mão direita e a mão esquerda (estes gestos são conhecidos como "maria passadeira").

As duas filas não param de andar, pois, chegando ao último participante ou último da fila, este volta cumprimentando os companheiros. A brincadeira pode ser feita também em rodas e em pares. Uma pessoa de cada par anda para a direita, enquanto a outra anda/desloca-se para a esquerda.



PISA, MORENINHA

Pisa, moreninha
no caroço de mamona
você toma amor dos outros
mas o meu você não toma

Se tomá, eu vou buscá
Pisa, moreninha, no caroço de juá

Com o grupo em roda (todos cantando e batendo palmas) é escolhido alguém para ficar no centro representando a "moreninha". A moreninha dança o ritmo do côco (dança de roda) com movimentos e gestos exagerados como se estivesse pisando no caroço de mamona (que é espinhoso).

No trecho da canção que diz "Pisa, moreninha, no caroço de juá" a moreninha escorrega, deixando-se cair de forma desajeitada e indicando outro participante para entrar na roda e ocupar o seu lugar.

Dança de côco – dança de roda acompanhada por cantos e executada por pares, círculos ou fileiras. Recebe vários nomes, conforme a região do País: côco de roda, côco de praia, embolada etc.

Juá – fruto do juazeiro, planta típica do semiárido e cerrado brasileiro, também conhecida como laranjeira de vaqueiro, joá espinho etc. Seu fruto é comestível e de valor medicinal popular.



SAMBA CRIOULO

Samba crioulo
que vem da Bahia
pega essa criança
e lava na bacia
A bacia é de prata
areada com sabão
Seu roupão é de seda
touquinha de filó
Quem tem par se abraça
Quem não tem vira vovó

Bênção vovó
Benzão vovó

Brincadeira que exige que o número de participantes seja ímpar. Todos cantam enquanto dançam, se movimentam livremente, ficando atentos para formar o par. No momento da canção que diz "quem tem par se abraça, quem não tem vira vovó", aquele que ficar sozinho "vira vovó" e todos, festivamente, gritam "benção vovó" (em torno de 3x).

Brincadeira que pode levar à reflexão sobre conflitos de exclusão (a criança que ficou sozinha). O responsável deve desenvolver um ambiente social cooperativo, bem como afetivo, de interpessoalidade, etariedade (a importância dos avós nas relações sociofamiliares).



VESTIDINHO BRANCO

Vestidinho branco de casamento
A menina Amanda não quer ninguém
A menina Amanda não quer ninguém
Não quer ninguém, nem por dentro e nem por fora
É só o Neto que ela namora
É só o Neto que ela namora
Ela namora, sempre namorou
Subiu na igreja com buquê de flor
Subiu na igreja com buquê de flor

Brincadeira dramatizada, podendo ser acompanhada por instrumentos de percussão. Oferece oportunidades de expressão corporal, coreográfica, simulando movimentos, a partir dos acontecimentos sugeridos pela letra da canção.

Atividade mais própria das crianças maiores, quando já aflora a fase do interesse intersetorial, o que deve ser encarado com naturalidade, atenção. Deve-se incluir nomes fictícios quando da brincadeira, de forma a não constranger os participantes.



DE ABÓBORA FAZ MELÃO

De abóbora faz melão
De melão faz melancia (2x)
Faz doce, Sinhá, faz doce, Sinhá (2x)
Faz doce, Sinhá Maria

Quem quiser dançar
vai na casa do Juquinha
ele pula, ele roda
ele faz requebradinha

Brincadeira que leva a criança a exercícios de localização e representação espacial, a troca de papéis, reinvenções, descobertas, conhecimentos que estimulam o raciocínio e o desenvolvimento intelectivo (ex. Culinária/gastronomia).

Como brincar – Em roda, um dos brincantes corre pelo centro, enquanto se canta a música (por todos). Quando cantam "faz doce, Sinhá", o brincante pára em frente a um colega da roda e faz, com as mãos, uma imitação da panela ou tacho fazendo doce e os dois repetem o movimento de fazer doce.

Quando a música canta "quem quiser dançar", esses dois brincantes saem pelo centro da roda dançando de mãos ou braços dados. Quando a música solicita que eles pulem e rodam (dancem), devem fazer o que é sugerido; enquanto dançam, devem estimular/convocar os demais participantes a entrar na roda, fazendo o mesmo que elas.

Sobre cantigas de roda ver matérias em nosso boletim nº XCIV – julho/2015; C – jan./2016; CIV – maio/2016; CXXV – fev./2018; CLIII – junho/2020.

Antigamente, a "Rua das Piteiras" era o caminho que ligava o Cruzeiro de São Sebastião à antiga estrada de Oliveira. Era também o trajeto de vários cavaleiros e carros de bois da época, que levavam e traziam pessoas e produtos da roça. Depois da lida, retornavam à cidade, para suas casas ou, quando moravam na roça, vinham à cidade para participar das festas.

A rua foi assim conhecida pelo grande número de piteiras, principalmente nos lotes vagos. A planta em questão tem folhas verdes, suculentas e grossas, dispostas em forma de círculo, como uma flor, podendo medir até dois metros de comprimento. A folha termina de forma pontiaguda. Em 28 de agosto de 1962, a rua foi denominada "Rua Governador Valadares" pelo prefeito da época, Octávio Leal Pacheco, em homenagem a Benedito Valadares Ribeiro, jornalista, político brasileiro e governador de Minas Gerais. Também foi nesse momento que a Praça da Matriz, anteriormente chamada Praça Governador Valadares, passou a ser denominada Praça Ministro Gabriel Passos.

No final dessa rua, havia uma grande pastagem que seguia até a "Sapeca". Nas proximidades, as crianças brincavam de jogar bola, bolinha de gude, pique, pipa e muitas outras brincadeiras. Ao fundo, na descida, havia um rizinho que terminava em um poço conhecido como "Sô Olimpo". Seguindo o trilho, havia um córrego nas pedras que, além de ser fonte de diversas histórias, causava medo nas crianças, que não se aventuravam por lá. De fato, era um córrego perigoso por causa das pedras.

Nos meses em que ventava muito, as crianças aproveitavam o horário fora da escola para brincadeiras, o que deixava os moradores incomodados pelo barulho. Seus pés pequenos e sujos corriam pelo chão de terra enquanto suas mãos se agarravam às linhas de pipa.

Não podemos esquecer que essa foi a rua onde Monsenhor Eloi viveu sua infância com seus pais e irmãos, sendo sempre uma referência de religiosidade para esse lugar. Várias outras pessoas muito religiosas também viveram ali. Por diversas ocasiões, a Rua das Piteiras foi trajeto de procissões, elogiada pela arte das pessoas, pela boa vontade dos moradores e por ser bem enfeitada com arcos de bambu, piteiras e flores do campo no centro da rua.

A Rua das Piteiras foi e é trajeto e cenário de tantas histórias com alegrias, surpresas, lamentos e tristezas. Um mar de emoções, com pessoas de todos os jeitos e cores, diversas, amigos e amores. Lá, os ensinamentos e exemplos dos pais e avós reforçavam o valor da família e o respeito pela cidade. Era um ponto de atividades, encontros, lazer e diversões. Até hoje, existe o costume de pessoas que fazem caminhadas ao ar livre passar por lá.

Com o passar do tempo, tudo foi se modificando. Aos poucos, a singela e acolhedora rua, que durante muito tempo foi espaço para brincadeiras das crianças, hoje não tem a mesma movimentação, possivelmente devido à tecnologia. Cada rua tem a sua história, sua paisagem e seu encanto, que sempre ficam na memória, como se a cidade fosse uma grande colcha de retalhos, onde cada uma está costurada às outras.

Fernando de Castro Campos

"RUA DAS PITEIRAS": Trajeto de histórias



RELÓGIO PERDIDO

Certa vez um fazendeiro perdeu um valioso relógio no celeiro. Preocupado ele procurou por todo feno, mas não obteve sucesso.

Insatisfeito com a perda ele apelou a um grupo de crianças que brincavam do lado de fora do celeiro. Prometeu a elas uma recompensa a quem encontrasse seu relógio.

As crianças em alvoroço correram para dentro do celeiro e em meio aquela algazarra entraram no meio de toda a pilha de feno, mas não conseguiram encontrar o relógio.

Cansados os garotos logo desistiram dando-se por vencidos e convencidos, juntamente com o fazendeiro, de que o relógio não estava lá. Vendo aquela cena uma criança que a tudo assistia, aproximou-se do fazendeiro e pediu a chance de ficar sozinha no celeiro e em silêncio.

O fazendeiro logo pensou, por que não? Afinal seria uma nova tentativa.

Depois de um tempo, após entrar sozinho no celeiro, o garoto saiu com o relógio em suas mãos.

O fazendeiro feliz e surpreso ao mesmo tempo, perguntou como ele havia conseguido encontrar o relógio, já que todas as outras crianças não conseguiram.

E o garoto então respondeu:

-Apenas fiquei em silêncio para escutar o tique-taque do relógio e fui até ele.

Quando quisermos achar respostas, soluções... devemos silenciar, para acalmar nossa mente, tirando-a do alvoroço da procura, que acaba nos levando a ansiedade, que cada vez mais, nos distânciaria das respostas e soluções certas.



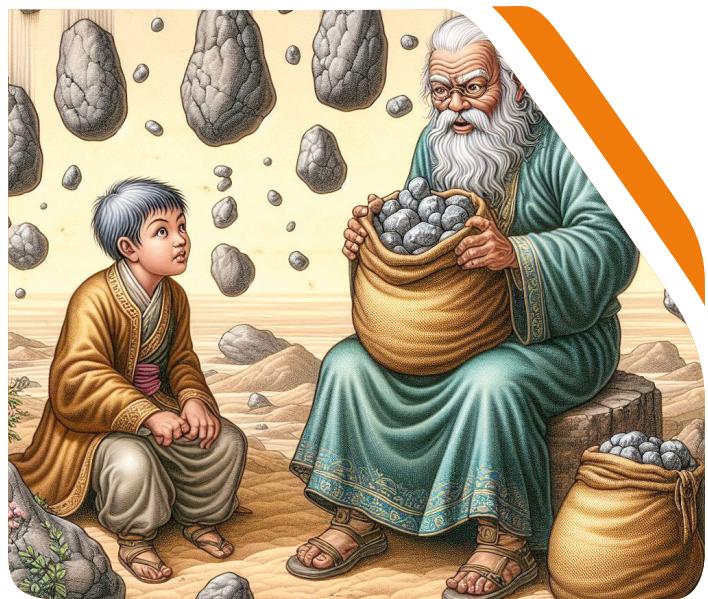
Uma mente em paz pode pensar melhor do que uma mente confusa. Dê alguns minutos de silêncio à sua mente todos os dias e veja o quanto isso lhe ajuda a definir a sua vida, da maneira que você espera que ela seja!

Colaboração: Dr. Tarcísio Oliveira

O saco do velho sábio

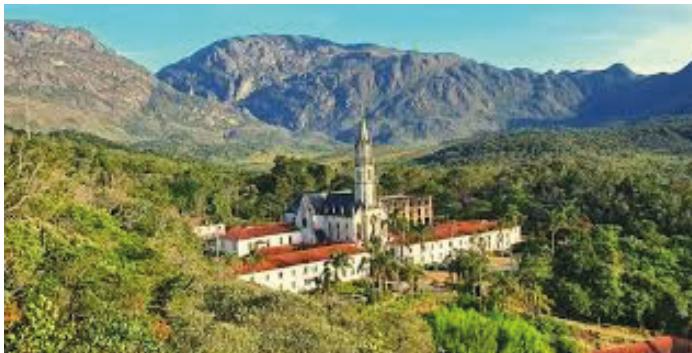
Era uma vez, um velho que andava em seu burro, sempre com seu netinho na garupa, percorrendo as casas do vilarejo onde morava, vendendo leite e queijo que ele mesmo produzia. Quando algum de seus clientes lhe dirigia a palavra, dizendo que ele já estava velho para continuar trabalhando, ele respondia: "A vida é efêmera e devemos aproveitá-la ao máximo, trabalhando." As pessoas gostavam de puxar conversa com o velho, ele tinha muita sabedoria e experiência de vida.

Um dia em que estavam de folga, em casa, o menino perguntou: Vovô, o que é a vida? O velho foi até à estrebaria, pegou seu saco feito de couro de boi, colocou dentro dele 20 (vinte) pedaços de pedras, algumas pontiagudas, outras com arestas cortantes que haviam sobrado da construção do alicerce de sua casa, amarrou bem a boca do saco e foram para o alto de uma penhasqueira, montados no burro, levando o saco de pedras. O velho empurrou o saco de pedras penhasqueira abaixo. A cada degrau que o saco batia, aumentava sua velocidade de queda pois estava sujeito à força da gravidade. As pedras dentro do saco foram se chocando, se machucando, se resvalando, se esfregando, se arranhando. A pedra maior quase quebrava a menor. A pedra menor era pontiaguda e espetava o traseiro da pedra maior. Assim se deu até que o saco chegou à superfície plana. O velho com seu neto, contornaram o penhasco, chegando até onde estava o saco, abriu-o, mostrou pro menino que todas as pedras estavam polidas, nenhuma delas era pontiaguda ou tinha aresta cortante.



Então o velho respondeu: Assim é a vida, as pessoas se chocam, se machucam, se esfregam, se arranharam, se decepcionam, mas tudo isso faz parte do polimento ou, do aprimoramento moral e espiritual.

Colaboração: Mauro Lúcio Mendes/Morro do Ferro



Santuário do Caraça comemora 250 anos de fundação e três décadas da RPPN

O Santuário do Caraça, localizado entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, é um dos mais significativos marcos históricos de Minas Gerais. Fundado em 1774 pelo Irmão Lourenço de Nossa Senhora, o local se tornou um importante indutor turístico do estado, além de centro de peregrinação e espiritualidade, atraindo romeiros e visitantes de todo o Brasil e do mundo. O complexo, que inclui museu, biblioteca e pousada, é um testemunho vivo da fé e da cultura mineira.

RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL

De acordo com o biólogo Douglas Henrique, coordenador ambiental do Santuário do Caraça, a RPPN, criada em março de 1994, desempenha um papel crucial na preservação ambiental e na promoção de um turismo sustentável. "A reserva é um campo de estudo aberto para pesquisadores e um exemplo de responsabilidade socioambiental. Ao completar 30 anos, reafirma seu papel fundamental na conservação ambiental e na promoção de um turismo sustentável", pontua.



VALE A PENA CONHECER

O Santuário do Caraça oferece duas formas de visitação: durante o dia ou através de hospedagem. Localizado na Estrada do Caraça, Km 9, entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara, é um destino imperdível para quem deseja explorar a rica história, cultura e biodiversidade da região. O acesso é feito pelas rodovias BR 381 e MG 436, além da possibilidade de chegar de trem, desembarcando na Estação Dois Irmãos, em Barão de Cocais. Para visitar, é necessário pagar uma taxa de entrada, que varia conforme o dia: R\$ 30 no meio de semana e R\$ 40 em finais de semana, feriados e datas comemorativas. Idosos e moradores de Barão de Cocais, Catas Altas e Santa Bárbara têm 50% de desconto e a entrada é gratuita na 1ª quarta-feira de cada mês para os moradores dessas cidades.

1924 – 2004

100 anos de César Lattes – famoso físico brasileiro

Curitibano, nascido aos 11/07/1924, que se tornou mundialmente conhecido com descoberta inédita na década de 1940 completa centenário de vida

Bruno Alfano

Brasileiro que chegou perto de ganhar um Nobel de Física, o curitibano Cesare Mansueto Giulio Lattes (1924-2005), que dá nome à plataforma de currículos acadêmicos do Brasil, faria 100 anos nesta quinta-feira. Como legado, ele deixou — além de uma das descobertas mais importantes da história da ciência — pelo menos 851 pesquisadores “herdeiros” acadêmicos em seis gerações de cientistas.

Quantos pesquisadores foram formados a partir de César Lattes?

O levantamento foi feito por Jesus Mena-Chalco, da Universidade Federal do ABC (UFABC), a pedido da revista “Pesquisa FAPESP”, no Lattes, plataforma dos currículos acadêmicos dos pesquisadores brasileiros mantida pelo CNPq. Ele descobriu que a partir dos sete pesquisadores orientados pelo próprio César Lattes foram formados: 98 netos; 304 bisnetos; 347 trinnetos; 86 tetraneiros; 9 pentanetos.

— Há anos a gente tem esse projeto de mapeamento da história científica do Brasil. Ela mostra a genealogia de todo pesquisador. O que encontramos é uma fotografia muito provavelmente incompleta, já que nem todos preenchem o Lattes corretamente, mas é o melhor que temos de informação — conta Mena-Chalco.

Qual foi a descoberta de César Lattes?

Com 23 anos, César Lattes **descobriu o Meson Pí ou Pion**, estrutura que explica a estabilidade da matéria, que é tudo que nos rodeia, tem peso e ocupa espaço. Com isso, tornou-se mundialmente conhecido pelo feito inédito na Física, na década de 40.

De acordo com a Revista Fapesp, a **descoberta ocorreu em 1947**, quando Lattes trabalhava na Universidade de Bristol, no Reino Unido. "No ano seguinte, Lattes foi o primeiro a observar o mesmo píon, dessa vez produzido artificialmente no interior do acelerador de partículas da Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Esta-



César Lattes (sem jaqueta) com Eugene Gardner na Universidade da Califórnia, em 1948

dos Unidos. Em 1950, a melhoria no método fotográfico de detecção de partículas e a identificação do píon renderiam o Nobel de Física a seu ex-chefe de laboratório em Bristol, o britânico Cecil Powell (1903-1969)", diz o texto.

Quem é César Lattes?

Nascido em Curitiba em 11 de julho de 1924, César Lattes graduou-se em física e matemática pela Universidade de São Paulo (USP) e com apenas 19 anos tinha trabalhos publicados em revistas internacionais de Física falando sobre a origem dos elementos do universo. Ele teve quatro filhas e foi um apaixonado pela educação.

Numa entrevista em 1995, ao programa “Meu Paraná”, da TV Globo, afirmou que não gostava de ser chamado de cientista, mas de professor.

— A palavra cientista me incomoda um pouco, dá impressão de professor pardal e também do camarada o cientista, que é um ser amoral, que não está preocupado com o que vai acontecer com a descoberta dele. Então eu não sou cientista, eu sou professor — afirmou.

Em outro trecho, defendeu reformas educacionais:

— Eu acho que os economistas que ficam dando opiniões pro governo, deviam dar ao governo um plano em que não se preocupassem em maximizar os lucros de empresa e se preocupassem em maximizar a educação do povo. Porque com a educação, qualquer um vai depois. Educação, não estou falando de ensino — afirmou.

Quando César Lattes morreu?

Lattes morreu em 08/03/2005, em Campinas, aos 80 anos, deixando 4 filhas (Maria Cristina, Maria Lúcia, Maria Carolina, Maria Tereza).

Tencões e terentenas de São João del-Rei

O dia em que Seu Sete, Rei da Lira, tirou a paz de São João del-Rei

Desde sempre, São João del-Rei é uma cidade muito religiosa. Prova disto é o número de monumentos católicos que possui. Não apenas as igrejas, capelas e "Passinhos da Paixão de Cristo". No centro histórico e adjacências, uma infinidade de cruzeiros monumentais e cruzes de pedra, madeira ou ferro encimam pontes, povoam praças, habitam elevados ou simplesmente demarcam o território da fé.

Olhando rapidamente a paisagem colonial da cidade contamos 13, somente no perímetro compreendido entre o Alto do Bonfim, Senhor dos Montes e Gruta de Nossa Senhora do Rosário, nas imediações do parque ferroviário. Mais do que meros monumentos, eles são elementos vivos de proteção e fé, pois muitos são-joanenses de todas as idades, ao passar por eles, a pé, de bicicleta ou de carro, interrompem seus "pensamentos e palavras, atos e omissões", para fazer o sinal da cruz.

Mas esta harmonia religiosa e espiritual foi quebrada na tarde de um certo domingo, 23 de agosto de 1971, quando muitas pessoas assistiam televisão. Isto porque de repente, sem que ninguém esperasse, misteriosamente uma entidade estranha e desconhecida, incorporada em uma mulher vestida a caráter, com capa vermelha e preta e cartola na cabeça, invadiu a tela da TV Tupi, interrompendo as atrações do programa Flávio Cavalcanti. "Um instante, maestro!"

Naquela época, a televisão era artigo de luxo, que a gente não encontrava em qualquer lar. Apenas nos mais abastados. Por isso, costumava reunir vizinhos na casa de quem tinha a telinha, e também transeuntes diante das vitrines da loja Primavera Móveis e em frente ao totem televisivo, instalado no jardim da antiga Avenida Rui Barbosa, hoje Tancredo Neves, de frente para o então busto de Tiradentes.

A perturbação foi geral, e as pessoas se assustaram mais ainda quando a mulher, entre baforadas de charuto, declarou que ela não era ela. Ela era "Seu Sete, Rei da Lira", e sua missão aqui na terra era combater o mal, semear o bem e espalhar mensagens de esperança e paz. Imagina o pavor e o rebuliço!

Sem entender bulhufas do que estava acontecendo, ninguém acreditou em nada do que o misterioso visitante televisivo do outro mundo falou. Até porque Lira, em São João del-Rei, é a Lira Sanjoanense. E a mais antiga orquestra das Américas ainda atuante não tem rei, mas um simpático maestro, sempre muito querido e respeitado.

Depois dessa, as pessoas foram voltando para casa, com a pulga atrás da orelha. Algumas até, mesmo sem demonstrar, rezando de boca fechada o Creio em Deus Padre. Vai que, ao abrirem a porta, encontram Seu Sete esperando por elas, sentado e de pernas cruzadas, fumando charuto na sala de visitas...



Texto e foto: Antonio Emilio da Costa

Este fato é verdadeiro, e aconteceu desse jeito em São João del-Rei. Em âmbito nacional, o assunto virou notícia no jornal A Província do Pará, edição do dia 27/08/1971.



Povoadores da Região – século XVIII

SESMEIRO MANOEL RIBEIRO DE SOUZA

Manoel Ribeiro de Souza, um dos mais bem sucedidos e destacados “homens bons” da região e comarca do Rio das Mortes no século XVIII, foi procurador oficial da Câmara da Vila de São João Del-Rei (1739), beneficiário ainda de três sesmarias na região da vila de São José (1747)⁽¹⁾. Participou ativamente da campanha de combate ao Primeiro Quilombo do Ambrósio, sendo um dos capitães atacantes, componentes da expedição chefiada pelo Cap. Antonio João de Oliveira (1746)⁽²⁾.

Manoel Ribeiro de Souza era natural de São Salvador do Monte (ou Paço), concelho de Penafiel, distrito do Porto, onde nasceu aos 29-05-1705, batizado no dia 1º de junho do mesmo ano, filho de Manoel Ribeiro e Maria Ferreira Borges, natural esta do lugar Cadeade (Projeto Compartilhar – Família Amaro da Silveira)⁽³⁾. Segundo a Drª Maria Silva Jardim Brugger, Manoel Ribeiro de Souza, foi ele um dos primeiros povoadores da região do Rio das Mortes, aqui chegando numa das primeiras “revoadas” de imigrantes portugueses para as Minas (Fonte: Banco de Dados dos Registros de Batismos e Casamentos da Matriz de Nossa Senhora do Pilar

de São João Del-Rei).

Manoel Ribeiro de Souza, nosso hexa-avô, era casado com D. Tereza de Jesus da Silveira, filha de Amaro da Silveira e Máxima Barbosa Pinto Pereira⁽⁴⁾ e teve seu inventário aberto aos 23-08-1758. Casal com os filhos:

1. Ana Josefa de Jesus casada aos 08-01-1758 na Matriz de São João Del-Rei com o português Francisco Antonio de Mendonça, filho de Manoel Veloso Pereira e Josefa Tereza de Mendonça, consórcio do qual provieram os filhos:

1.1. José Antonio Carlos de Mendonça com 22 anos (em data de 22-01-1780).

1.2. Bernardo José Carlos de Mendonça com 20 anos (1780)

1.3. Joaquim Claudio da Silveira batizado aos 16-07-1763 na matriz de São João Del-Rei; com 19 anos (1780)

1.4. Maria Lizarda de Mendonça, de 14 para 15 anos (1780) batizada aos 02-04-1766, na matriz de São João Del-Rei, sendo padrinho Jerônimo Silva Pereira, oficial da Câmara da vila de São João Del-Rei

1.5. Máxima Julia de Mendonça, batizada aos 17-09-1769



na matriz de São João Del-Rei; de 11 para 12 anos (1780)

1.6. Francisco, batizado aos 26-04-1772 na matriz de São João Del-Rei. Não compareceu ao inventário paterno, falecido em criança

1.7. Francisca Antonia de Mendonça com 8 anos (1780)

1.8. Esmênia (Esméria em alguns documentos) Joaquina de Mendonça, de cinco para seis anos (1780); batizada na matriz do Pilar (São João Del-Rei) aos 17-01-1774, sendo padrinhos o Pe. Joaquim Pinto da Silveira e Maria Lizarda de Mendonça, irmã da batizada. Casou aos 04-07-1803 na Ermida da Cachoeira (Prados) com o Cap. Geraldo Ribeiro de Rezende, filho do Cel. Severino Ribeiro e Josefa Maria de Rezende.

Maria Libânia de Rezende, uma das filhas do casal Esmênia Joaquina de Mendonça e Cap. Geraldo Ribeiro de Rezende, batizada aos 20-07-1807 em Prados, casou-se com Felisberto Pinto de Almeida Lara e foram estes, por sua vez, pais do Cel. Francisco Pinto de Assis Resende (novo trisavô paterno) e do Ten.Cel. Geraldo Pinto de Rezende (novo bisavô materno) e proprietários da Fazenda do Catimbau (Resende Costa)

Francisco Antonio de Mendonça foi o tutor de seus cunhados órfãos.

1.9. Ana Josefa de Mendonça com 4 anos (1780). Casou aos 25-06-1798 na ermida do Cel. Severino Ribeiro, freguesia de Prados, com João Ribeiro de Rezende.

1.10. Manoel Ignácio de Mendonça com 2 anos (1780).

Cap. Francisco Antonio de Mendonça era português, de família muitíssimo bem relacionada em Lisboa e Santarém, gente afidalgada, detentores de ofícios de vários altos cargos (tabeliães, escrivães) no concelho de Santarém. Em São João Del-Rei o Cap. Francisco Antonio de Mendonça foi vereador em 1754, escrivão da Casa de Fundição da Comarca do Rio das Mortes em 1765 e escrivão da Intendência de Conferência da vila de São João Del-Rei (1769). Membro das Ordens de São Francisco e do Santíssimo Sacramento. Testou aos 04-11-1773, em sua residência na vila de São João Del-Rei, nomeando como testamenteiros em 1º lugar s/m Ana Josefa de Jesus; em 2º o Dr. Gomes da Silva Pereira e em 3º Francisco Ferreira da Costa; testamento aberto aos 02-12-1779, data de seu falecimento⁽⁵⁾; foi inventariado aos 22-01-1780, ao qual compareceram a viúva e 9 filhos, sendo os menores tutelados por Anastácio José de Souza. Deixou avultados bens⁽⁶⁾ como 20 escravos, duas casas de morada na vila de São João Del-Rei, além de fazendas e outras posses.

(Fontes: Inventário de Francisco Antonio de Mendonça – 1780 – Iphan/SJDR cx. 386 e ainda informações do historiador Vinicius Mata, a quem somos sumamente reconhecidos).

2. Ignácio com 12 anos (1758).

3. Máxima Jesuina da Silveira batizada aos 23-02-1747 na matriz de São João Del-Rei; com 11 anos (1758); casada aos 11-05-1766 na matriz de São João Del-Rei com Anastácio José de

Souza, n. do Rio de Janeiro, filho de Francisco Xavier de Souza e Joana Maria do Espírito Santo. Casal com 10 filhos, a saber: Joaquim Bernardo da Silveira, José Venâncio de Souza, Luis Carlos de Souza, Ana Bernarda da Silveira, Tomás José de Souza, Joaquim Pedro de Souza, Antonio Carlos de Souza, Maria Custódia da Silveira, Máxima Jesuina da Silveira, Anastácio José de Souza. Merece citação, dentre eles, Máxima Jesuina da Silveira, homônima da mãe, batizada aos 20-02-1782 na matriz de São João Del-Rei; casada com o Alf. Joaquim Rodrigues Pacheco, proprietários da Fazenda Capão das Flores, aplicação de São Tiago, onde Máxima ditou seu testamento aos 24-07-1840, inventariada aos 31-10 do mesmo ano, instituindo seu marido como herdeiro universal (casal sem geração).

Em seu testamento lavrado aos 24-07-1840 e aberto aos 31-10-1840 na Fazenda Capão das Flores, Dª Máxima Jesuina da Silveira determinou “meu corpo seja envolto no Hábito de Nossa Senhora do Carmo; desejo ser sepultada no adro da capela de São Tiago...” (Inventário de Máxima Jesuina da Silveira – 1840 – MRSJDR cx. 606)

4. Maria Leonor da Silveira, batizada aos 08-09-1748 na capela de São Gonçalo do Brumado; com 9 anos (1758). Casou aos 05-02-1785 na capela do Bonfim (SJDR) com Domingos Barbosa de Oliveira

5. Tereza Bernarda da Silveira batizada aos 14-01-1750 na capela de São Gonçalo do Brumado; com 7 anos (1758). Casou aos 12-10-1773 na matriz de São João Del-Rei com Francisco Bernardo Cabral

6. Jerônimo batizado aos 10-10-1753 na matriz de São João Del-Rei; com 4 anos (1758)

7. Manoel com 01 ano (1758)

8. Francisco de peito

Bens de raiz (Cap. Manoel Ribeiro de Souza):

• Chácara “distante duas léguas da vila de São João Del-Rei” com casas de vivenda cobertas de telha, senzalas de capim, com pomar de várias frutas, horta, bananal em divisas com o Alferes Antonio Ribeiro e Francisco Gonçalves do Couto.

Vasilhames e utensílios de cobre, estanho, ferramentas, roupas etc.

• Sesmaria de três léguas de terras no sertão do termo da vila de São José Del-Rei em sociedade com Bartolomeu da Silveira Machado e José de Medeiros⁽⁷⁾.

(Inventário de Manoel Ribeiro de Souza – ano 1758 – IPHAN/SJDR cx R.96-492.

Testamento de Manoel Ribeiro de Souza – IPHAN/SJDR – cx. 13
Inventário de Teresa de Jesus da Silveira, aberto aos 23-01-1758).

Manoel Ribeiro de Souza foi padrinho de batismo de Manoel Ribeiro da Silva, aos 22-01-1740 na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu)

(Projeto Compartilhar – Amaro da Silveira e Máxima Pinto Pereira).

NOTAS

(1) *Cartas de sesmaria de Manoel Ribeiro de Souza – Revista APM v. 14, ano 1909, pp. 70/76.*

“A (sesmaria) de Manoel Ribeiro de Souza ficava na “paragem do Campo Grande” e vizinha da picada que vai para Goiás, termo da vila de São José Del-Rei, comarca do Rio das Mortes, entre as sesmarias concedidas a Roque de Souza e Manoel Miz. Gomes” (Tarcisio José Martins – “Quilombo do Campo Grande – História de Minas que se devolve ao povo” pp. 503/504).

Segundo o eminentíssimo historiador Vinicius de Oliveira Mata, Manoel Ribeiro de Souza foi beneficiário de três sesmarias

• 1º – datada de 28 de outubro de 1747 na “Paragem do Rio Grande de Santo Antonio” (CRM Cód. SC 90, fls. 82) Carta de sesmaria concedida a Manoel Ribeiro de Souza na Paragem do Rio Grande de Santo Antonio, arraial da Lage, freguesia de São João Del-Rei, comarca do Rio das Mortes (MRSJDR – 1748 – cx. 04).

• 2º – datada de 14 de agosto de 1753 no lugar “Sertão chamado Bananal, termo da vila de São João” (CRM Cód. SC 106, fls. 95v).

• 3º – datada de 14 de agosto de 1753 no lugar “Sertão chamado Bananal, termo da vila de São João” (CRM Cód. SC 106, fls. 95v).

Esta sesmaria, que consta no inventário de Manoel Ribeiro de Souza, foi medida e demarcada judicialmente aos 05-08-1754,



dela tomando posse Manoel Ribeiro de Souza e seus sócios Bartolomeu da Silveira Machado, Antonio Machado Diniz e José de Medeiros Terra (Fonte: <http://resgate.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=011 MG&pafis=36462>).

(2) A expedição do Cap. Antonio João de Oliveira (+ 1759), saída do Sítio dos Curtumes, passou por nossa região em agosto de 1746 rumo a Serra da Esperança, área hoje compondo os municípios de Aguani e Cristais, onde se localizava o 1º Povoado ou Quilombo do Ambrósio.

"Em 1746, (Gomes Freire de Andrade) resolveu arrasar o Quilombo Grande, cuja capital era a povoação do negro Ambrósio, localizada entre o rio Lambari e o Jacaré, afluentes da margem direita do Rio Grande. Mandou que as câmaras das principais vilas e cidades das comarcas infestadas, contribuissem com as munições de guerra e de boca. Arrecadadas 2.750 oitavas de ouro, encarregou o Capitão Antonio João de Oliveira a marchar sobre o Campo Grande, comandando tropa de mais de 400 homens, armados de mosquetes e granadas, dividindo-os em várias esquadras, sob o comando de outros capitães" (Tarcisio José Martins – "Sesmaria Cruzeiro, o Quilombo das luzes" 1990, ed. virtual, p. 15).

O Cap. Manoel Ribeiro de Sousa por suas ações no combate aos quilombolas, foi agraciado com sesmaria na "Paragem do Campo Grande" entre as sesmarias de Roque de Souza e Manoel Miz Gomes, terras do hoje município de São Tiago (Revista do APM v. 14, ano 1909, pp. 70/76).

Sobre a expedição comandada pelo Cap. Antonio João de Oliveira – combate ao 1º Quilombo do Ambrósio (1746) – ver matéria em nosso boletim nº CXLIII – agosto/2019.

(3) Seu pai, Manoel Ribeiro, nasceu aos 20-10-1678 em Paço de Sousa, concelho de Penafiel, distrito do Porto; casou aos 24-09-1703 na Igreja de São Salvador do Paço de Sousa com Maria Ferreira, filha de Domingos Jorge e s/m Maria Ferreira. Manoel Ribeiro faleceu aos 12-04-1732. Dª Maria Ferreira nasceu aos 03-12-1676, batizada aos 08 do mesmo mês e ano.

Avós paternos Manoel Ribeiro e Maria Borges casaram-se aos 10-02-1675 na Igreja de Paço de Sousa. Manoel Ribeiro era filho de Bento Ribeiro e Domingas de Souza e faleceu aos 28-06-1686. Dª Maria Borges nasceu aos 08-05-1656, batizada aos 14 do mesmo mês e ano na Igreja de Paço de Sousa, filha de José de Azambuja e Marta Gonçalves Dias.

Avós maternos: Domingos Jorge, natural de Santo André de Marrecos, concelho de Penafiel, filho de Gonçalo Jorge e Catarina Fernandes, onde nasceu aos 06-11-1644 e ai faleceu aos 12-02-1716. Casou aos 21-05-1669 na Igreja de Paço de Sousa com Maria Ferreira, esta falecida aos 12-03-1707.

< > Bisavós: Bento Ribeiro e Domingas de Souza

José de Azambuja, filho de Diogo de Azambuja e Isabel Pedro, casou aos 11-08-1650 na Igreja de Paço de Sousa com Maria Gonçalves, filha de Baltazar Fernandes e s/m Marta Dias; José de Azambuja faleceu aos 06-04-1670 e Dª Marta Dias aos 27-06-1671

Gonçalo Jorge, natural da freguesia de São Miguel de Rans, casou aos 05-04-1641 na Igreja de Santo André de Marrecos, distrito do Porto, com Catarina Fernandes (Projeto Compartilhar – Família Amaro da Silveira/Ascendência de Manoel Ribeiro de Souza)

(4) Amaro da Silveira era filho de Manoel da Silveira e Máxi-

ma Nunes de Oliveira, batizado na Freguesia de Nossa Senhora de Lisboa (seu registro, como de tantos outros milhares de pessoas, se perdeu no terremoto de Lisboa em 1755) Já no início do século XVIII, achava-se no Rio de Janeiro, onde exerceu as funções de militar e ourives.

Dª Máxima Pinto Pereira (Barbosa) foi batizada na igreja da Candelária (RJ) aos 09-06-1691, filha de André Pinto e Maria do Sim. Fora exposta na casa de Maria Barbosa

(5) O Cap. Francisco Antonio de Mendonça declarou, em seu testamento datado de 04-11-1773, ser natural e batizado na freguesia de Castilho da vila de Cintra, filho legítimo de Manoel Cardoso Pereira e Dª Josefa Teresa de Mendonça; afirmou ser irmão terceiro da Venerável Ordem da Penitência de São Francisco da vila de São João Del-Rei e ainda das irmandades do Santíssimo Sacramento, Almas, Passos; determinou que "meu corpo seja envolto do religioso São Francisco, sepultado na Igreja matriz desta vila, acompanhado do reverendo pároco e mais sacerdotes que se acharem nesta ocasião (...) dirá missa por minha alma de corpo presente..."

Ordenou que "de terça parte se mandem dizer na Matriz e mais igrejas desta vila quatrocentas missas de esmola de cruzado de ouro dentro do oitavário, principiando estas no dia do meu falecimento em que for sepultado..." Determinou, ademais, fossem confeccionados um resplendor de ouro para a imagem de Santa Ana; uma coroa de ouro para a imagem de Nossa Senhora e outros resplendores para as imagens de São José, São Joaquim etc.

(6) Bens inventariados do Cap. Francisco Antonio de Mendonça: Utensílios de prata, cobre, ouro, estanho; ferramentas em ferro; objetos de devoção religiosa; carros de bois; móveis; peças de enxoval, fardamentos etc.

Casas de morada – R\$ 1:600\$000; Terras anexas às casas – R\$ 160\$000.

Chácara nas vizinhanças do Rio Abaixo, com casas de viverda e cozinha cobertas de telhas; moinho; casa de engenho de mandioca com suas formas de cobre; ranchos de capim; pomar, arvoredos em divisas com João Ferreira de Souza, herdeiros de Ignácia Pereira Rios, Antonio de Escalabur Barreto, Luis Ribeiro – R\$ 935\$000.

Bens na vila de Mamede, freguesia de Castilho (Portugal) "dos quais não tenho notícia até o presente, cabendo aos testamenteiros averiguar".

(Inventário do Cap. Francisco Antonio de Mendonça – 1780 – Cx R.054-386 – MRSJDR)

Apuração: Monte-Mór –R\$ 4:227\$892

Monte Líquido – R\$ 2:975\$404 ½

Meação – R\$ 1:487\$702 ¼

Terça – R\$ 495\$900 ½ 2/3

No "Auto de Contas" datado de 12-09-1789 consta que os herdeiros José Antonio Carlos de Mendonça e Bernardo José Carlos de Mendonça eram já falecidos.

(7) Bartolomeu da Silveira Machado era filho de Antonio de Medeiros e Maria da Silveira Machado, naturais da Ilha de Faial, bispado de Angra, Açores. Um de seus irmãos e também seu 2º testamenteiro, José da Silveira Machado (+ 26-02-1762), era proprietário da fazenda Bom Sucesso.

– Manoel Pereira Brandão);

Parentesco com Pe. Joaquim Pinto da Silveira, que foi capelão auxiliar da Capela de São Tiago Maior entre 1764 e 1779.

Pe. Joaquim Pinto da Silveira era filho de Joaquim Pinto Magalhães e Maria Barbosa da Silveira, ela batizada aos 22-12-1710 na Sé do Rio de Janeiro. D. Maria Barbosa casou aos 30-05-1726 na matriz de São João Del-Rei com Joaquim Pinto Magalhães, filho de João Pinto de Magalhães e Maria Pinto. Pe. Joaquim Pinto da Silveira, um dos primeiros capelões da capela de São Tiago Maior e Sant'Ana era, portanto, sobrinho de Dª Teresa de Jesus da Silveira, esposa do Cap. Manoel Ribeiro de Souza (Projeto Compartilhar – Amaro da Silveira e Máxima Pinto Pereira).

Sobre Pe. Joaquim Pinto da Silveira – Antigos Capelões de São Tiago – abordaremos em oportuna edição de nosso boletim.

EXEMPLO DE FÉ, CARIDADE, GRATIDÃO



No decorrer do tempo, quando a maior parte das irmãs, as Moças do Bengo, já havia falecido, restando somente D. Jorça e D. Minerva, perante as dificuldades de ficarem na fazenda sozinhas, o risco de visitantes indesejáveis e mal intencionados, pensando em mais facilidade em ter alguns recursos necessários, se mudaram para a casa na cidade, que antes era usada somente em períodos de festas e para dormirem temporariamente em viagem.

Possuíam, há muitos anos uma imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, em tamanho natural, dentro de um esquife ricamente decorado, ambos em excelente estado de conservação. Com a mudança, decidiram então fazer a doação da citada imagem para a Paróquia de São Tiago, pois, como já tinham muitos santos e tinham mais devoção, amor e carinho por essa grandiosa relíquia da família, nada mais justo que ela ficasse, para sempre, na Igreja Matriz.

Monsenhor Eloi aceitou, com apreço e gratidão, a doação, mas queria um documento formalizando o repasse da imagem para a Paróquia de São Tiago, para ficar tudo certo e bem documentado. A seu pedido, Carlita, sobrinha-neta das doadoras, fez o documento, que foi autenticado em cartório.

Marcada a data para a transladação da imagem, Lira da Imaculada Conceição, Corais Paroquiais, Associações Religiosas, familiares e amigos de São Tiago e região foram convidados para solene e importante acontecimento.

Foi uma grande festa! Houve procissão da Fazenda do Bengo até a Matriz, com orações, cantos, ladinhas, músicas sacras. Na Matriz, durante a celebração da Santa Missa, Mons. Eloi fez bela reflexão sobre a imagem e agradecimentos carinhosos às Moças do Bengo e a toda a Família Castro. Publicamente ordenou aos auxiliares e organizadores do espaço interno da Igreja Matriz que preparassem um altar de destaque para que a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte fosse visitada, reconhecida e venerada pelos fiéis. Terminada a celebração, o Pároco ofereceu um café para todos os presentes, na Casa Paroquial.

Apesar das Moças do Bengo terem morado a maior parte de suas vidas na roça, eram muito generosas e sempre contribuíam com a Paróquia no decorrer das festas e campanhas assistenciais. Além disso, teciam colchas, bordavam toalhas e paramentos com as iniciais da paróquia para serem doadas à igreja. Foram grandes colaboradoras e auxiliares das obras paroquiais de São Tiago.

Deixaram como herança para familiares, sobrinhos e admiradores a gratidão, o despreendimento e a caridade para com as obras sociais e para com os mais sofridos, necessitados e desamparados.

Carlita Maria de Castro e Coelho
Membro do IHGST

PE. ANTONIO THOMAZ E SEUS CÉLEBRES SONETOS

Pe. Antonio Thomaz nasceu aos 14-09-1868 na cidade de Acaraú, Estado do Ceará, sendo vigário de sua terra natal entre 1892 a 1924 e pároco ainda da cidade de Trairi. Era filho do Prof. Tomás Lourenço e Francisca Laurinda da Frota. Realizou seus primeiros estudos em Sobral (CE), matriculando-se depois no Seminário de Fortaleza, onde se ordenou aos 06-12-1891.

Poliglota, profundo conhecedor do latim, italiano, francês, espanhol e inglês, exerceu o magistério nas cidades de Acaraú e Trairi. Levou uma existência modesta, desprendida, dedicando-se ao ministério paroquial e aos estudos.

Membro da Academia Cearense de Letras onde ingressou em 1922 e cognominado "O Príncipe dos Poetas Cearenses". Classificado pela crítica literária como um dos maiores sonetistas brasileiros. Autor de notáveis e clássicos poemas, em especial sonetos, dentre estes "Compostura", "Desencanto", "Funeral", "Contrastes", "No Campo", "Medo da Palmatória", "A morte do Jangadeiro", "O Palhaço", "A Campesina" que ornamentam as antologias poéticas brasileiras e mundiais.

Como poeta – versos simples, espontâneos, comunicativos – não se filiou ou se ajustou a nenhuma escola poética ou estilística. Escreveu, a esse respeito: "Eu pertenço ao batalhão das letras que não tem comando. Por temperamento, sempre fui hostil ao passo militar e ao ritmo de uma brigada sob a batuta de um general; eu prefiro o sussurro livre e suave da folhagem de uma grande árvore ou a música festiva dos meus canários".

Seu soneto "Contraste", de larga repercussão nacional, declamado nas escolas de todo o País, foi vertido para várias outras línguas, compondo um relicário da antologia poética universal. Pe. Antonio Thomaz proibiu em testamento que seus poemas fossem reunidos e publicados em livros (publicação coletiva). Seu nome, porém, se firmaria literariamente, através do tempo, ataviando antologias poéticas nacionais e estrangeiras, até os dias atuais.

Faleceu em Fortaleza aos 16-07-1941, sendo sepultado no dia seguinte, sob forte comoção popular, na cidade de Acaraú.

CONTRASTE

Quando partimos, no vigor dos anos,
da vida pela estrada fluorescente,
as esperanças vão conosco à frente
e vão ficando atrás os desenganos

Rindo e cantando, céleres e ufanos,
vamos marchando descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente,
desfazendo ilusões, matando enganos

Então nós enxergamos claramente
quanto a existência é rápida e falaz
e vemos que sucede exatamente
O contrário dos tempos de rapaz:
- os desenganos vão conosco à frente
e as esperanças vão ficando atrás!

FREIRE, Laudelino. Pequena edição dos Sonetos brasileiros. 122 sonetos e retratos. 2ª edição aumentada. Rio de Janeiro: F. Briguet e Cia. Editores, 1929. 256 p. 12,5x16 cm. capa dura. Impresso na França por Tours Imp. R. et P. Deslis.



Antonio Thomaz

RAMOS, Dinorá Tomas. Padre Antonio Tomás - Príncipe dos poetas cearenses. 3 ed. Fortaleza: Jornal "A Fortaleza", 1981. 176 p. 15,5x21,5 cm. "Padre Antonio Tomás" Ex. bibl. Antonio Miranda



VIÇOSA

Nos alcantis da Ibiapaba erguida,
Lá se ostenta risonha entre a verdura
Dos seus vergéis regados de água pura
Da fria pedra aos borbotões nascida.

Ali, sobre um outeiro construída
Na viva rocha, há séculos perdura
A sua igreja – berço de cultura
De uma raça valente hoje esquecida...

Quando a gente, volvendo na memória
Desse templo lendário a antiga história,
Os umbrais lhe transpõe a vez primeira.

Julga estar vendo, a percorrer-lhe a nave
A passos lentos, silenciosa e grave,
A sombra augusta do imortal Vieira.



FUNERAL

Vão-na levando para a sepultura,
Amortalhada em brancos véus de linho,
Dentro de um leve esquife cor de arminho,
Ao fulgor da manhã serena e pura.

Carpindo-a segue o vento e, porventura,
Para incensá-la agita, de mansinho,
Ramos em flor, pendentes do caminho
Cheios de sombras e orlas de verdura.

No entanto o louro enxame das abelhas
Vai atirando pétalas vermelhas
Sobre o caixão franzino que a comporta.
Cai das folhas o orvalho como pranto,
E as meigas aves em piedoso canto
Rezam contritas sufragando a morta.



NO CAMPO

(Solilóquio)

Dá-me o sol sua luz e o seu calor me aquece;
 Dá-me a terra morada; o rio, a linfa pura;
 As árvores, além do abrigo de frescura,
 Doces frutos me dão, em farta e longa messe.
 Dão-me as vacas leite, e, quando me apetece,
 Dão-me a carne também; a ovelha, a vestidura;
 As abelhas me dão seus favos de docura...
 Sem que disso lhes venha o mínimo interesse.
 Dão-me as flores perfume; e óculos no rosto
 As brandas virações; as aves, seu trinado;
 E os homens só me dão trabalhos e desgosto...
 Assim falava eu... E um homem que, escondido,
 Ouvira o meu discurso, olhou-me admirado,
 E perguntou-me a rir, se eu tinha endoidecido.

MEDO DE PALMATÓRIA

Brincam na escola do Armando,
 Num reboliço tremendo,
 Os dois filhos do Rosendo
 A palmatória brandindo.
 A castigar o Facundo,
 Quando o mais novo, — o Clarindo
 De um salto a porta transpondo,
 Abriu a boca no mundo...

EFEITO DO VINHO

Todas as vezes que eu janto,
 Em casa do Nascimento,
 É pesado e sonolento
 Que da mesa me levanto...
 E só me queixo do "tinto"
 Que ele me serve tão pronto
 Para regar o presunto,
 Pois, se o bebo, logo sinto
 Ir-me à cabeça, e, de tonto,
 Não sei mais do meu bestunto...

DOUTOR ARROGANTE

Voltou do Rio; formado,
 O Juvencio do Tancredo,
 Que — diz-se muito em segredo,
 É tolo e mal preparado...
 Com seu gênio desabrido
 Desagrada o povo todo.
 Seu pai, um velho sisudo,
 Exclama, compadecido:
 — "O meu doutor, pelo modo,
 Veio mais besta do estudo"...

BEM FEITO

Embriagou-se o Vilaça
 Na barraquinha do Lessa,
 E, de atrevido, não cessa
 De inventivar a quem passa...
 O bodegueiro o atiça
 E o cabra mais se alvorocha;
 Eis no balcão se debruça,
 E diz: — "Eu quero as alviça",
 Senão derrubo esta joça,
 E gente apanha na fuça"...

HARMONIA CONJUGAL

Com a Joana se atraca,
 Para dar-lhe uma sapeca,
 O seu marido — o Maneca, —
 Ela do coz puxa a faca,
 E ele a tremer todo fica,
 E, em brados, a filha espoca:
 — Mamãe, você está maluca?!

Mas a Joana replica:
 — Menina, cala esta boca,
 Deixa de asneiras, Biluca. —

A MORTE DO JANGADEIRO

Ao sopro do terral abrindo a vela,
 Na esteira azul das águas arrastada,
 Segue veloz a intrépida jangada
 Entre os uivos do mar que se encapela.

Prudente, o jangadeiro se acautela
 Contra os mil acidentes da jornada;
 Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
 O vento, a chuva, os raios, a procela.

Súbito, um raio o prostra e, furioso,
 Da jangada o despeja n'água escura;
 E, em brancos véus de espuma, o desditoso.

Envolve e traga a onda intumescida,
 Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
 O mesmo mar que o pão lhe dera em vida.

O PALHAÇO

Ontem, viu-se-lhe em casa a esposa morta
 E a filhinha mais nova, tão doente!
 Hoje, o empresário vai bater-lhe à porta,
 Que a plateia o reclama, impaciente.

Ao palco, em breve surge... pouco importa
 o seu pesar àquela estranha gente...
 E ao som das ovações que os ares corta,
 trejeita, canta e ri, nervosamente.

Aos aplausos da turba, ele trabalha
 para esconder no manto em que se embuça
 a cruciante angústia que o retalha.

No entanto, a dor cruel mais se lhe aquça
 e enquanto o lábio trêmulo gargalha,
 dentro do peito o coração soluça.



VOLTANDO A CASA

Passei um mês, um mês inteiro, fora
Do meu lar, sem ouvir meus passarinhos,
Sem ver o louro bando de amiguinhos
Que aí deixa! Cruel, longa demora!

Mas, afinal, eis-me de volta agora,
E na ânsia de ver os coitadinhos,
Que suspiram talvez por meus carinhos,
Fustigo o meu corcel, que o chão devora.

Avisto a casa além, dobro a tortura
Que dela me separa... Oh! que ventura
Eu sinto na alma ao ir-me aproximando!

Chego ao portal, puxo o ferrolho e entro,
E me recebem pela sala a dentro
Crianças rindo e pássaros cantando.

REZENDE, Edgar. *O Brasil que os poetas cantam*. 2ª ed. revista e comentada. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1958. 460 p. 15 x 23 cm. Capa dura. Ex. bibl. Antonio Miranda.

EDGARD REZENDE

*O Brasil que os
Poetas Cantam*

CAMPESINA

Uns aromas sutis na veiga espalha
A mansa brisa. Suga a loira abelha
O lindo cálix de uma flor vermelha
Que o puro rócio matutino orvalha.

O vento sul do bosque a cima esgalha
E o frio lago azul a sombra espalha;
Triste e saudosa muge a branca ovelha
Cujo cincerro finos sons chocalha.

Loira matuta vem buscando a trilha
Da fonte - um fio d'água que marulha,
Trazendo aos curvos ombros grande bilha.

Em pleno vige a mata escura abrolha.
Se o vento ali perpassa em doce bulha,
Treme um pingo de luz em cada folha.

TEXTO EN ITALIANO



IMAGEM: WWW.ARTEMERY.NET

MIRAGLIA, Tolentino. *Piccola Antologia poetica brasiliiana*. Versioni. São Paulo: Livraria Nobel, 1955. 164 p. Ex. bibl. Antonio Miranda



CONTRASTO

Quando si parte, nel verdor degli anni,
E s'inizia il cammino della vita,
A noi dinanzi, la speranza invita,
E ci restano indietro i disinganni.

Allegri, soddisfatti, senz'affanni,
Si prosegue la splendida salita.
Ma ecco le vecchiaia, inavvertita,
Che uccide le illusioni, coi malanni.

E allora ci accorgiamo, chiaramente,
Che l'esistenza è rapida dimora.
E succede l'opposto, esattamente,

Delle ore giovanili, ormai lontane :
Il disinganno ci precede ognora
E la speranza indietro ci rimane.

TEXTE EN FRANÇAIS

FRÓES, Heitor P. *Meus poemas dos Outros*. Traduções e versões. Bahia, 1952. 312 p. Ex. bibl. Antonio Miranda



CONTRASTE
Quand nous partons, dans la vigneur de l'âge,
Par des sentiers charmants e radoucis,
Nous trouvons les espoirs sur le passage...
Nous laissons em arrière les sourcis!

Riant, chantant, peut-être pas très sages,
Nous progressons superbes, éclaircis...
Mais voilà l'âge mur et ses présages
E tout espoir que sombre sans merci!

Nous comprenons, tout em nous émouvant,
Combien l'avie est brève et mensongère...
Et qu' alors il se passe, bien souvent,

Du temps de la jeunesse le contraire:
Nous portons nos sourcis - tous en avant;
Nous portons nos espoirs - tous en arrière!

BIOGRAFIA DE ARY BARROSO – 60 anos de falecimento

Por Dilva Frazão

Biblioteconomista e professora

Ary Barroso (1903-1964) foi um compositor brasileiro, autor de "Aquarela do Brasil", música que consolidou o estilo samba-exaltação, com versos ufanistas que ajudou a elevar o gênero samba à categoria de símbolo musical nacional.

João Evangelista Barroso, conhecido como Ary Barroso, nasceu em Ubá, em Minas Gerais, no dia 7 de novembro de 1903. Filho do advogado João Evangelista Barroso e de Angelina de Resende Barroso, ficou órfão com 6 anos de idade.

Ary foi criado pela tia avó, a professora de piano Ritinha, que o introduziu na música. Com 12 anos de idade já trabalhava como pianista auxiliar no Cinema Ideal de Ubá, acompanhando os filmes mudos. Com 15 anos começou a compor.

Juventude

Com 18 anos, Ary Barroso ganhou uma herança do tio Sabino Barroso, ex-ministro da Fazenda, e partiu para estudar Direito no Rio de Janeiro. Morava em uma pensão de luxo, frequentava os melhores restaurantes e comprava as melhores roupas.

Quando o dinheiro acabou, Ary passou a tocar piano em cinemas e cabarés, para se sustentar. Acabou gostando da boemia carioca. Em 1923 passou a tocar na orquestra do maestro Sebastião Cirino, na sala de espera do teatro Carlos Gomes.

Em 1928 foi contratado pela orquestra do maestro Spina, de São Paulo, para uma temporada de oito meses em Santos e em Poços de Caldas.

Casamento

Em 1929, Ary voltou para o Rio de Janeiro. De pensão em pensão, foi parar na Rua André Cavalcanti, 50. Gostou das acomodações e da filha da dona da pensão, Ivone Belfort de Arantes. A família não concordava com o casamento de Ivone e o pianista boêmio.

Depois de ganhar um concurso de música carnavalesca com a marchinha "Dá Nela", Ary pode pagar as despesas, e com o diploma de bacharel em direito, conquistado em 26 de fevereiro de 1930, pode se casar com Ivone. Ainda morando na pensão, nasceram os filhos Flávio Rubens e Mariúzia.

De Pianista a Apresentador

Em 1932, Ary Barroso ingressou na Rádio Philips a convite de Renato Murse. Além de pianista, foi humorista, animador e locutor esportivo.

Depois da Philips, Ary foi para a Mayrink Veiga, e de lá, em 1934



foi para a Cosmos, em São Paulo, época em que criou o programa "Hora H". Exigia que os calouros cantassem apenas músicas brasileiras e que citassem o nome do compositor.

Seus programas de calouro ficaram famosos e em 1937 inovou com um sino para eliminar os calouros na Rádio Cruzeiro do Sul, no Rio de Janeiro. Quando foi para Tupi, instituiu o gongo.

Preocupado em defender a música brasileira, não gostava quando o calouro cantava fox e tango. Os cantores Ângela Maria e Lúcio Alves começaram a carreira se apresentando em seu programa na TV Tupi,

Aquarela do Brasil

Em uma noite chuvosa de 1939, Ary Barroso resolveu fazer uma música "cheia de inovações", e meia hora depois a letra e a música estavam prontas. A música, que exaltava o bom e o belo do Brasil, foi levada para uma peça de Edmundo Lyz, porém passou despercebida.

A música voltou ao teatro em Joyoux e Balangandans, de Henrique Pongetti, interpretada por Cândido Botelho. Desta vez, foi mui-

to bem recebida pelo público. Em outubro de 1939 a música foi gravada por Francisco Alves e logo se tornou um sucesso.

*Aquarela do Brasil
Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
O Brasil, samba que dá
Bamboleio que faz gingar
O Brasil do meu amor
Terra de Nossa Senhor
Brasil pra mim
Pra mim, pra mim
Ah! Abre a cortina do passado
Tira a mãe preta do cerrado
Bota o rei congo no congado
Brasil, pra mim...*

Walt Disney e Hollywood

Carmem Miranda foi uma de suas principais interpretes e também grande amiga, com quem Ary passeava nas ruas do Rio. O sucesso de Aquarela do Brasil na voz da cantora, fez com que Ary se transformasse em compositor e arranjador de filmes de Hollywood.

Ary Barroso foi convidado para fazer o fundo musical das aventuras de Zé Carioca em "Alô Amigos", em 1942, com a música Aquarela do Brasil.



Ary Barroso e Carmen Miranda

Mais tarde, incluiu Tabuleiro da Baiana e Os Quindins de Iaiá no desenho "Os Três Cavaleiros".

Ary Barroso ganhou notoriedade internacional e foi chamado três vezes para Hollywood para musicar outros filmes, entre eles, "Três Garotas de Azul".

Vida Política

Em 1946, Ary Barroso se candidatou a vereador na Guanabara, pela União Democrática Nacional e teve a maior votação da Câmara. Participou ativamente da escolha do local onde seria construído o estádio do Maracanã.

Em defesa do direito autoral, participou da fundação da União Brasileira de Compositores, da qual foi o primeiro presidente.

Homenagens

Em 1955, Ary Barroso, junto com Heitor Villa-Lobos, recebeu, no Palácio do Catete, a Ordem do Mérito, concedida pelo presidente Café Filho.

Em 1957, Carlos Machado montou na boate Night and Day, no Rio de Janeiro, o espetáculo "Mr. Samba", para homenagear Ary. O roteiro apresentava a biografia de Ary seguindo suas próprias canções.

Foram 264 músicas, entre elas: Na Batucada da Vida, Inquietação, Na Baixa do Sapateiro, Como Vai Você? e No Tabuleiro da Baiana (as três gravadas por Carmen Miranda), Risque e Camisa Amarela.

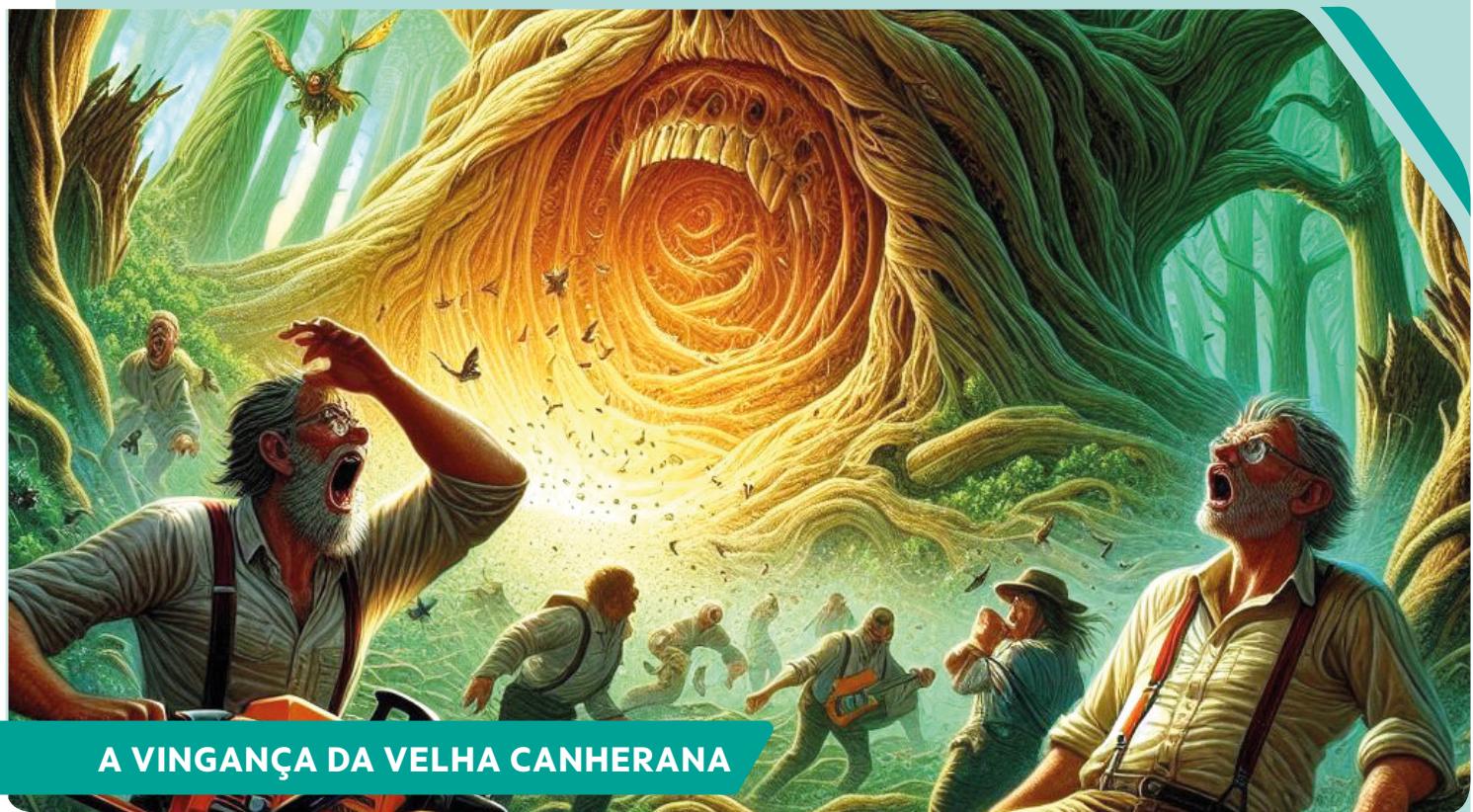
Doença e Morte

Em 1961, Ary Barroso adoeceu de cirrose hepática e retirou-se para um sítio em Araras, no Rio. Quando restabelecido, voltou ao programa "Encontro com Ary", na TV Tupi. Em 1963 foi internado com nova crise de cirrose.

Ary Barroso faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9 de fevereiro de 1964, em consequência de uma pneumonia, em um domingo de Carnaval, no dia em que a escola de samba Império Serrano lhe prestava uma homenagem com o enredo "Aquarela do Brasil".

Em 2008, a Academia Brasileira de Letras incluiu a música "Aquarela do Brasil" entre as 17 composições "inquestionáveis do cancionista brasileiro".

AO PÉ DA FOGUEIRA



A VINGANÇA DA VELHA CANHERANA

"Em cada eito do mato há um pau vingativo que pune a malfeitoria dos homens" (Crença popular)

O destino da velha e portentosa canherana (ou cedro canherana, como também era ali conhecida) estava selado. Duzentos e tantos, trezentos anos de existência – é o que dela diziam – enfrentando o tempo, o vento e agora a loucura humana na forma de moderna motosserra. Percebia-se no algoz a volúpia, a luxúria por seu invejável, imponente torso. A sentença: a guilhotina, o esquartejamento, negociado que fora seu imemorial tronco-corpo com um marceneiro da cidade vizinha.

Conheceria ela, no transcorrer da multissecular existência, proprietários prepotentes; enfrentara trovões, granizos, as mais aterradoras tempestades tropicais; convivera, sofrida, as páginas da nefanda escravidão, fora testemunha da passagem de viajantes, cientistas, aventureiros que palmilharam aquelas bandas. Toneladas de oxigênio que lançara à atmosfera, o anteparo aos rígidos ventos, a sombra e abrigo para todos, a alimentação com suas sementes e frutos à avifauna por décadas, nada tinha valor para os iconoclastas.

A notícia do assassinato se espalhara, não só no campo etérico, mas entre todos os habitantes da floresta – aves, insetos, macacos, mamíferos de toda sorte – que à distância prestaram-lhe a mais profunda reverência.

Eis, o dia tétrico. A chegada de estranhos com cruéis máqui-

nas rompe a harmonia reinante. Reagiria ela, sim. Tinha amigos – velhos e fiéis amigos do passado – os espíritos dos velhos escravos que ali viviam astralmente, bem como os duendes da natureza, defendê-la-iam, pregando boa peça aos iconoclastas. Pagariam para ver!

Do alto de seus quase trinta metros, ao ser abatida, algo estranho ocorreu. Três motosserras usadas na pilhagem, nas várias e brutais incisões contra o vetusto tronco, pifaram em sequência. Ao cair, esbordoara barulhentamente sobre um baranco, despedaçando-se, fracionando-se, não podendo mais ser aproveitada como peça inteira, uniforme. Os agressores seriam, por sua vez, agraciados com chusmas de abelhas e formigas, cujas picadas levaram alguns a nocaute. Contentar-se-iam os mirabolantes, os dançarinos da tétrica farândola, a reunir os pedaços da árvore, apondo-os num bordejado caminhão Ford, que, acabaria avariado no meio do caminho, fundindo-se o motor.

Teria o marceneiro, em suma, incalculáveis prejuízos e aborrecimentos sem fim!

Assim que conduzidos os fragmentos da árvore à indústria, ali transcorreriam acidentes, panes em máquinas, até mesmo incêndio. À mesma época, a serraria seria fiscalizada e multada por órgãos florestais.

Sairia muito caro o centenário tronco de canherana!

A jornalista Naomi Klein em sua obra "Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido" denuncia os altos custos que as empresas gastam para gerar imagens, marcas e a venda de seus produtos. Na verdade, ocultando a dolorosa realidade dos trabalhadores e fabricantes desses produtos, via de regra, pobres crianças e trabalhadores da Índia, China, Indonésia e outros países asiáticos, submetidos a regime de semiescravidão, a exploração do trabalho infantil, à miséria, à violação de direitos huma-

nos básicos. A inocência violada, a cidadania negada. Tudo isso para que consumidores e crianças de países industrializados possam ostentar roupas, calçados, brinquedos de grife. Assim, o filme canadense "Treevenge" (A vingança das árvores – 2008) que exibe a revolta dos indefesos pinheiros, arrancados da floresta, para servir de decoração nas casas, à época das festas natalinas. Os seres humanos são ali retratados como dotados de péssimo mau gosto, crueldade, ridículo...

Realização:



Apoio:

